



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Orientador: Paulo Paniago

BLOG *SEM ESQUINAS*

vidas se cruzam nas retas de Brasília

MARIANA FAGUNDES AUSANI

Brasília – DF

Julho de 2013



Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Departamento de Jornalismo

Orientador: Paulo Paniago

BLOG *SEM ESQUINAS*:

vidas se cruzam nas retas de Brasília

Trabalho apresentado como avaliação final para obtenção do título de bacharel em jornalismo, junto a Universidade de Brasília – UnB, sob orientação do professor Paulo Paniago.

Brasília – DF

Julho de 2013

MARIANA FAGUNDES

BLOG *SEM ESQUINAS*:
vidas se cruzam nas retas de Brasília

Trabalho de conclusão de curso apresentado em julho de 2013

BANCA EXAMINADORA

Professor Paulo Roberto Assis Paniago
(Orientador)

Professor Sérgio Araújo de Sá
(Membro da banca)

Professora Gabriela Pereira de Freitas
(Membro da banca)

Universidade de Brasília

2013

À minha avó, Irene, por me mostrar,
sem nem perceber, a leveza de existir.

Agradecimentos

Devo agradecimentos a muita gente que cruzou comigo em uma ou outra esquina, de qualquer lugar, ao longo dos quatro anos de faculdade. Aos familiares, amigos, colegas e professores, peças fundamentais para que eu chegasse até aqui, dedico minha gratidão. Obrigada pelos momentos, companhias, conversas, críticas e sugestões.

Agradeço, em especial, às fontes e aos entrevistados, que cederam tempo e dividiram experiências para tornar este trabalho possível.

À minha mãe, Sued, por me apresentar o universo encantado dos livros e das palavras. Desde sempre, com paciência, debruçada na cabeceira da cama, a relatar todas as *Reinações de Narizinho*. Ao meu pai, Fabiano, por me mostrar que trabalho, esforço e paixão podem mudar o mundo. Aos dois, juntos, por me trazerem, a contragosto, ao planalto central. Devo a eles a oportunidade de ser brasiliense.

Aos amigos Marcos e Hiram, pela dedicação gratuita que garantiu o bom funcionamento do blog. À querida amiga Nayara, por me acompanhar em tardes de apuração, por dispensar horas do próprio trabalho para colaborar com o meu e pelas angústias e alegrias compartilhadas semestre a semestre.

Ao orientador do projeto, Paulo Paniago, por conduzir o processo com empenho, por meio de dicas, correções e boas histórias. E, principalmente, por me lembrar que o jornalismo é uma profissão apaixonante. À professora Dione Moura, pela confiança em meu trabalho. Aos professores que aceitaram o convite para a banca avaliadora, Sérgio de Sá, pelos ensinamentos em sala de aula, e Gabriela Freitas, por compartilhar seu entusiasmo com os alunos e, assim, tornar a aprendizagem mais prazerosa.

À Universidade de Brasília, por formar grande parte de minhas ideias e ideais e por me proporcionar tanta felicidade e doces lembranças em cada etapa da graduação.

Resumo

O blog *sem esquinas* (www.semesquinas.com) traz relatos do cotidiano brasiliense e apresenta personagens que, meio século depois da inauguração, continuam a inventar a cidade. Em forma de crônicas, reportagens, contos e perfis – postados aos domingos, terças e sextas, de abril a julho de 2013 –, o site tenta desmistificar para o público externo o senso comum de que Brasília se resume à Esplanada dos Ministérios e à vida política; e busca despertar nos moradores sensibilidade para apreciar aspectos particulares e triviais do lugar.

Palavras chaves: Brasília; blog; jornalismo literário; crônica; conto; perfil

Sumário

1. Introdução	9
2. Problema de pesquisa	12
3. Justificativa	15
4. Objetivos	18
5. Referencial teórico	19
5.1. Blog.....	19
5.2. Jornalismo e literatura.....	22
5.2.1. Jornalismo literário.....	24
5.2.2. Literatura jornalística: conto.....	26
5.3. Jornalismo interpretativo.....	28
5.3.1. Reportagem.....	30
5.3.2. Perfil.....	32
5.4. Jornalismo opinativo.....	35
5.4.1. Crônica.....	36
6. Metodologia	41
6.1. Organização da página.....	42
6.1.1. Campanha de divulgação.....	45
6.1.2. Redes sociais e acessos.....	46
6.1.3. Colaboradores.....	47
6.2. Apuração e escrita.....	49
7. Considerações finais	55
8. Referências bibliográficas	57
9. Anexos	62
Anexo 1.....	62

Anexo 2.....	64
Anexo 3.....	66
Anexo 4.....	68
Anexo 5.....	70
Anexo 6.....	72
Anexo 7.....	74
Anexo 8.....	77
Anexo 9.....	79
Anexo 10.....	82
Anexo 11.....	86
Anexo 12.....	89

1. Introdução

“Como vai a Dilma?”, “Em Brasília todo mundo é ladrão” ou “Manda um abraço para o Lula” (entre 2003 e 2010) são frases corriqueiras que moradores do Distrito Federal (DF) costumam ouvir ao viajar para as demais regiões do país. Os estereótipos de que a capital se restringe ao espaço da Esplanada dos Ministérios e de que a cidade é um antro de corrupção estão enraizados no imaginário dos brasileiros de outros estados.

Aos 53 anos de idade em 2013, porém, Brasília é a quarta maior cidade do Brasil, conforme apontam pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais de 2,5 milhões de pessoas habitam as 31 regiões administrativas (RAs) que subdividem o DF. Desigualdade social latente, trânsito congestionado e transporte público precário compõem a paisagem de quem acorda cedo para enfrentar os eixos e vias de nomes feitos com siglas, característicos do planejamento urbanístico desenvolvido por Lucio Costa¹.

A população da cidade agrega as primeiras gerações nativas e grupos de migrantes vindos das mais diversas partes do país. Juntos, eles vêm criando uma identidade própria do local, repleta de pluralidade e diferentes cargas culturais. Mestre em turismo pela Universidade de Brasília e autora da dissertação *Curta Brasília: a imagem da cidade no olhar do cinema e sua relação com o turismo*, Patrícia da Cunha Albernaz observa: “Brasília é materialização dos contrastes e da diversidade brasileira presente em um só espaço” (2009, p. 44).

O intenso fluxo de serviços e pessoas e a relevância política, econômica e cultural fazem de Brasília uma metrópole importante em âmbito nacional. Como em qualquer grande cidade, a rotina dos habitantes se dá em ritmo acelerado. Mas é essa aglomeração de alto número de indivíduos em um mesmo lugar que personifica os centros urbanos, imprime sentimentos às ruas e esquinas e faz com que a cidade ganhe vida própria. Com Brasília não é diferente, exceto pelas esquinas.

Sem esquinas, sem gente na rua, é assim que Brasília, muitas vezes, é descrita por quem a visita. Cidade fria, cidade só de carros, diz quem não simpatiza tanto assim com a capital. Diferente, única, defendem outros. “Digam o que quiserem, Brasília é um milagre”,

¹ Arquiteto e urbanista criador do projeto do Plano Piloto.

afirmou Lucio Costa, em entrevista à revista *Manchete* em 1974, conforme cita a socióloga Lúcia Lippi Oliveira no texto *A construção de Brasília*² (OLIVEIRA, 2013).

A proposta de criar um blog sobre Brasília é tentativa de suprir o baixo conhecimento dos brasileiros em geral sobre a capital do país e contar aos brasilienses e demais moradores um pouco dos múltiplos casos que se passam sob o mar de ponta cabeça que é o céu da cidade.

O blog *sem esquinas*³ procura apresentar ao leitor, por meio de textos jornalísticos, quem são os cidadãos do DF, como vivem, de onde vêm e quais suas histórias de vida. O site é subdividido em quatro editorias. A primeira chama-se *distrito monumental*. Em forma de crônicas, busca aguçar o olhar do público aos encantos dos monumentos históricos e pontos turísticos da capital, ao convívio da paisagem urbana com a natureza bucólica que a cerca, traduzida na vegetação rasteira do cerrado, assim como, à problemas socioeconômicos recorrentes na capital. Os relatos, revestidos de atenta observação da realidade brasiliense, mostram uma Brasília que a pressa do cotidiano não permite enxergar.

A seção *plano sem piloto* descreve em reportagens de cunho literário a rotina diária de moradores de diferentes regiões administrativas e regiões do Entorno, a partir de acompanhamento prévio do cotidiano dos personagens.

Cenário de histórias de amor famosas no contexto musical brasileiro, a capital ganhou visibilidade por meio de canções que conquistaram o público nacionalmente e são difundidas até hoje. Brasília foi pano de fundo dos encontros de Eduardo e Mônica (RUSSO, 1986. CD. Lado A, faixa 4) e fez surgir a paixão de João de Santo Cristo por Maria Lúcia (RUSSO, 1987. CD. Faixa 7), retratados pelo cantor e compositor Renato Russo; e impulsionou relações como a de Léo e Bia (MONTENEGRO, 2005. CD. Faixa 1), contada pelo músico Oswaldo Montenegro.

A divisão *via S2* (em alusão à Via S2 Leste, segunda via leste-oeste⁴, do lado sul da cidade, e ao símbolo da internet “s2”, que representa um coração) traz contos românticos inspirados em histórias de amor que aconteceram, ainda acontecem ou idealizaram

² Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>

³ Acesse o site em: www.semesquinas.com.

⁴ A primeira é o Eixo Monumental, principal avenida de Brasília.

acontecer (mas, por distintas razões, não se concretizaram) no meio do Planalto Central, por entre prédios padronizados e quadras enumeradas. O propósito é revelar ao leitor que, apesar do estigma de cidade fria, Brasília abriga corações inteiros, corações partidos e histórias apaixonantes.

A editoria *eixo central* expõe perfis de pessoas comuns que estão relacionadas direta ou indiretamente a personalidades de destaque no âmbito político ou a figuras que assumem importantes cargos do governo. São narrados hábitos, gostos e desgostos de homens e mulheres que circulam pelos bastidores do poder como figurantes, mas que são essenciais para o devido desenrolar da trama de controle e administração pública.

2. Problema de pesquisa

O jornalismo deve ser objetivo e imparcial, além de ágil. O veículo – ou repórter – mais rápido vence a corrida pelo furo de reportagem. Ao menos, é o que informam livros e professores nos primeiros semestres de faculdade. No livro *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, os jornalistas Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari explicam que reportagens factuais, mais comumente encontradas em redações, são relatos objetivos de acontecimentos, que obedecem à forma da pirâmide invertida⁵. “Como na notícia, os fatos são narrados em sucessão” (1986, p. 45). Porém, não raro, a objetividade converte-se em mero amontoado de eventos e de números e a agilidade, traduzida em pressa, resulta em barrigas⁶.

Decidi cursar jornalismo, primeiro, porque escrever é o que sei fazer de melhor. Ou, simplesmente, o que gosto mesmo de fazer. Depois, a profissão tem – pensava eu, na ingenuidade de meus 17 anos – particular e nobre encantamento: jornalistas são lidos, críticos, inteligentes, engajados. Tendo a mídia como quarto poder, são capazes de mudar o mundo. Na verdade, eram ou tentavam ser, nas saudosas décadas de 1960, 1970, 1980, até mesmo em 1990. No século 21, contudo, colegas de faculdade, parte da descrente geração da internet, relatam, já nos contatos iniciais com o curso, que jornalistas não são – nem querem ser – mais heróis.

Nenhum dos meus colegas sonha, aparentemente, em acarretar qualquer mudança positiva na sociedade por meio do trabalho. Entro no ciclo e me acomodo com a ideia, ou com a falta de ideias. Os anos passam e os estudantes são inseridos no mercado, a partir de estágios. Descubro o que já desconfiava: em jornais, pouco se pode ousar. As matérias são moldadas por padrões pré-determinados. Relata-se quem, o quê, onde, quando, como e por que, apenas. Os indivíduos são revertidos em números de desastres e acidentes que no dia seguinte serão esquecidos.

Será que no jornalismo não há espaço para as pessoas, enquanto seres humanos e não como seres inanimados? É a questão que me aflige ao longo de três anos e meio. E me

⁵ Técnica de estruturação do texto jornalístico que consiste em dispor informações em ordem decrescente de importância.

⁶ Jargão jornalístico que se refere a erros grosseiros, informações falsas ou erradas em reportagens e notícias.

faz desacreditar da profissão que escolhi. No sétimo semestre, me deparo com novo dilema: a seleção de tema para o projeto final. O jornalismo tradicional pouco me atrai. É preciso, todavia, que eu estabeleça um assunto dentro da área para abordar. Ao procurar soluções, redescubro o jornalismo literário, uma maneira mais humanizada, detalhada e cuidadosa de contar acontecimentos. É possível fazer jornalismo voltado às pessoas e suas individualidades?

Na obra *A turma que não escrevia direito*, em que o jornalista e escritor Marc Weingarten elabora biografia dos principais autores do movimento americano Novo Jornalismo – vertente do jornalismo literário cujo auge se deu na década de 1960 –, o estudioso defende que esse grupo de repórteres aparece “para contar histórias sobre nós mesmos de maneiras que nós não podíamos contar, histórias sobre como a vida estava sendo vivida nos anos de 1960 e 1970 e o que aquilo tudo significava” (2010, p. 15). O jornalismo literário é, conforme lembra Weingarten, a arte do fato.

Ao unir a habilidade de escrita às ferramentas e métodos de reportagem, pode-se produzir jornalismo e, portanto, não-ficção, porém, com os detalhes e a perspicácia frequentemente encontrados na ficção. O trabalho de profissionais renomados da área, como Gay Talese, Lilian Ross e Tom Wolfe, comprovam que o hibridismo entre jornalismo e literatura é um instrumento poderoso para se retratar a realidade com maior precisão ao público.

Opto por falar de Brasília pelo desafio de explorar histórias de vida em uma cidade acusada de fria e conhecida pela falta de gente nas ruas. É viável, por meio de um jornalismo diferente do habitual, desmistificar os estereótipos sobre a capital? De que forma viver em uma cidade planejada afeta a rotina dos moradores? Quem habita Brasília? O Entorno também é parte da metrópole?

A metodologia para o desenvolvimento do produto tornou-se também, em determinados momentos, uma dificuldade, conforme relato com mais detalhes no sexto capítulo deste trabalho. Quais os critérios para escolha das histórias a serem ou não contadas? Por que utilizar um blog como meio de divulgação, e não um livro-reportagem, por exemplo? Como trabalhar gêneros híbridos – crônica e perfil – ou essencialmente literários – conto –, sem deixar de ser fiel ao princípio de veracidade do jornalismo? De que

maneira produzir reportagens de cunho literário sem colocar de lado as técnicas de apuração que aprendi e exerci nos quatro anos de faculdade? Existem diferenças de produção entre jornalismo literário e jornalismo diário?

Em síntese, o grande questionamento ao longo do processo foi: o jornalismo de cunho literário é capaz de despertar a sensibilidade do leitor para temáticas e abordagens mais humanas do que as tratadas em jornais diários? O blog *sem esquinas* é resultado de estudo e reflexão sobre todas essas inquietações.

3. Justificativa

Desembarquei em Brasília numa tarde ensolarada de novembro. O clima ainda atravessava o limite brusco entre a rigorosa seca e os dias de chuva incessante. Era 2003, eu tinha 12 anos de idade. Vinha chorosa dentro do táxi, contrariada com a mudança de cidade. Quando consegui enxugar as lágrimas e desembaçar a visão, deparei-me com a rodoviária do Plano Piloto.

Paredes encardidas e pichadas, ruas e calçadas sujas, ônibus mal conservados, estrutura decadente, em meio a uma multidão de transeuntes apressados, meia dúzia de mendigos dormindo sob o viaduto e um ou outro pedinte implorando qualquer esmola. Um lugar assustadoramente insalubre, foi minha primeira impressão. Que só se agravou quando percebi o paradoxo: aquilo acontecia bem em frente à Esplanada dos Ministérios.

Brasília é uma constante contradição. O Lago Sul, com o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁷ do planeta, é um disparate diante das invasões da Estrutural, um prolongamento do lixão. O ipê-amarelo repleto de flores em pleno setembro, auge da seca, é a grande antítese do cerrado. Ser a sede política de uma das maiores economias do mundo⁸, enquanto a população ainda elege líderes de governo nos moldes do coronelismo, é incoerente.

Definir Brasília é um desafio. Sabe-se que é uma cidade, mas nunca se viu nada parecido entre as outras cidades do mundo. Dizem que não há meio termo: ou você a ama, ou você a odeia. O que, porém, não se aplica a mim.

Ao longo de cinco décadas, a capital foi pauta de pesquisas e estudos em diversas áreas, como história, antropologia e arquitetura. Apesar da seriedade transmitida pelas retas de Lucio Costa, há muito os moradores de asas e blocos não se restringem somente a tratar da administração pública e de política. Eles também abordam outros assuntos e, no tempo livre, encurvam-se aos movimentos culturais. Entre as décadas de 1970 e 1980, por

⁷ Comparação de dados entre pesquisa elaborada pela Codeplan (Companhia de Planejamento do DF) em parceria com a Seplan-DF (Secretaria de Planejamento, Orçamento e Gestão do DF) e o Índice de Desenvolvimento Humano medido pela ONU (Organização das Nações Unidas) em 2000.

⁸ Pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Fundo Monetário Internacional (FMI) colocaram o Brasil em sétimo lugar no ranking de maiores economias mundiais em 2012.

exemplo, as ruas de Brasília eram constantemente ocupadas pelo Grupo Cabeças, que reunia artistas de diversas expressões, como músicos, artistas plásticos, atores e artesãos.

O projeto incitava um processo de estranhamento dos artistas em relação aos espaços da cidade e, simultaneamente, uma vontade de desbravar e conquistar o planalto central. A ideia era modificar Brasília por meio da arte, unindo política e cultura de uma nova maneira, por meio de uma geração que assumiu como tarefa romper o estereótipo de que a capital é uma cidade fria, voltada unicamente à política e sem vida artística autônoma.

O jornalismo, como as demais áreas, também se propôs a explicar, definir e ilustrar a cidade. Ainda antes da inauguração, em 1957, a Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap) criou o periódico *Revista de Brasília*, publicado mensalmente até maio de 1963. O objetivo era documentar a construção da cidade com um boletim informativo e, assim, saciar a grande curiosidade do público nacional e internacional sobre o andamento das obras.

Tampouco a literatura isentou-se de tratar da formação da capital. O poeta e jornalista Joanyr de Oliveira compilou no livro *Brasília na poesia brasileira* obras de mais de trinta autores para apresentar ao público, segundo coloca, “os mais expressivos poemas que a cidade inspirou” (1982, p. 15). Dentre os poetas selecionados, está José Godoy Garcia, com a *Canção da fábula inicial Brasília*, na qual descreve a construção da cidade, assim como a experiência de um candango que veio trabalhar no projeto de JK.

Em uma escrita envolvente e perspicaz, Godoy Garcia destaca o fato de haver gente envolvida no processo de concepção do lugar. Vinicius de Moraes, outro nome de destaque incluso na coletânea de Joanyr de Oliveira, evidencia, igualmente, a presença do homem nas primeiras expedições ao Distrito Federal. No poema *II – O homem*, ele descreve a chegada de um indivíduo ao cerrado, cuja intenção é, além de fundar Brasília, nela fixar-se pelo resto da vida.

Recentemente, em abril de 2011, a cidade ganhou uma publicação que exerce, com êxito, a interação entre jornalismo e literatura. A revista *Meiaum* – em referência ao código de DDD local (61) – retrata em reportagens, perfis, colunas, artigos e ensaios visões, vivências, desejos e angústias de quem habita o planalto central.

A compreensão de centros urbanos, contudo, não está restrita aos livros e estudos. Exige convivência na prática, o que, nem sempre, é fácil. Eu mesma levei quase uma década para identificar que minhas críticas e insatisfações em relação à capital não têm nada a ver com desgosto ou falta de afeto. Elas são mais uma espécie de apreensão, como a mãe que dá bronca no filho na expectativa de que, no futuro, ele seja o mais bem-sucedido entre os mais brilhantes. É apego, cuidado. Amor.

Para gostar de Brasília, aconselho se espelhar na vegetação local. Por fora, resistir à secura de abril a setembro; das feições sisudas que desfilam por entre eixos e setores; e da falta de calçadas para se esbarrar ou de esquinas, para se encontrar. Por dentro, precipitar-se em emoção junto com as primeiras gotas de chuva.

Certa vez, um amigo, morador do Rio de Janeiro, habituado ao mar na terra (e não no céu, como na capital) e à exuberância da mata atlântica, me perguntou, meio admirado, meio contrariado, por que eu gosto tanto de Brasília. Quem responde por mim é a jornalista e cronista de um dos principais jornais da cidade, o *Correio Braziliense*, Conceição Freitas: “Gosto assim de Brasília porque ela me acolheu sem nem perguntar quem eu era” (FREITAS, 2009, p. 37).

Mas Conceição admite que Brasília “é dura na conquista, não entrega o jogo. Não é fácil amar Brasília” (FREITAS, 2009, p. 38). Verdade, não é. O *sem esquinas* convoca o leitor a conhecer relatos de moradores que garantem: mais difícil, é não amar esta cidade feita de concreto e sonhos. O blog procura desvendar a existência de gente que, durante seis meses do ano, peregrina no (quase) deserto à procura de tempos melhores e, nos outros seis, mergulha de cabeça na chuva, esperando a melhora do tempo.

4. Objetivos

O principal objetivo do site *sem esquinas* é, a partir da criação e alimentação de um blog, apresentar Brasília por meio de moradores, a fim de despertar em leitores uma visão mais humanitária sobre o cotidiano da capital. Por meio de um jornalismo híbrido, com alicerces que não se restringem à comunicação social e transpassam também a literatura, o trabalho busca narrar a rotina e as histórias de vida de alguns habitantes do Distrito Federal e Entorno. Reportagens, crônicas, contos e perfis jornalísticos, de cunho literário, postados três vezes por semana no blog, procuram desconstruir o senso comum de que Brasília se resume à Esplanada dos Ministérios e à vida política.

Pela ótica do jornalismo literário, o produto propõe-se a responder como é o dia a dia de quem vive e/ou trabalha em Brasília. Os textos relatam o que existe na cidade além do Congresso Nacional, quem são e o que fazem as pessoas que vivem no Distrito Federal, como é a rotina diária de quem mora na capital do país e, também, em quais aspectos ela se assemelha a outras metrópoles e em quais aspectos se diferencia.

Além disso, o blog pretende estimular o interesse de brasileiros em geral pela capital federal, assim como aguçar a sensibilidade de brasilienses para encantos ou problemas da cidade e gerar reflexão quanto a aspectos da realidade socioeconômica local.

O produto possibilita ao repórter ousar na apuração e nas formas de construir o texto jornalístico; e ao público proporciona conteúdo prazeroso de se ler, sem deixar de ser informativo. Dessa forma, alcança-se um dos propósitos essenciais do trabalho: incitar – em mim e nos leitores – olhar mais atento a minúcias cotidianas que parecem, à primeira vista, banais, mas ao longo da narrativa fazem refletir e acrescentam conhecimento.

5. Referencial teórico

Ao longo da execução deste trabalho, surgiram diversos questionamentos e dificuldades sobre a melhor forma de executá-lo para que o resultado final alcançasse o objetivo primeiro: apresentar Brasília ao leitor a partir dos habitantes da cidade. Para suprir as dúvidas, foi necessário buscar respostas em experiências, pesquisas e relatos de quem já havia anteriormente transcorrido percursos similares ou com algum tipo de interseção com o que procurei percorrer para encontrar bases teóricas consistentes.

Foi fundamental desbravar as relações entre blog e jornalismo, já que optei por utilizar este veículo como meio de divulgar e compilar o material produzido, tornando-o, portanto, o produto final em si. Observei divergências e convergências entre o fazer jornalístico e a forma de se escrever para blog, a fim de avaliar o que melhor se enquadraria à proposta do *sem esquinas*.

Analisar o discurso literário e o discurso jornalístico, assim como retomar conceitos de gêneros, também foi importante para demarcar quais áreas de abordagem seriam mais eficientes para possibilitar a moldagem dos textos em um jornalismo narrativo crítico e sensível.

5.1. Blog

“O termo é de origem americana e é proveniente da contração das palavras *web* (página na internet) e *log* (diário de navegação)” (SCHITTINE, 2004, p. 60), esclarece a jornalista Denise Schittine na obra *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Segundo a autora, “o blog é uma adaptação virtual de um refúgio que o indivíduo já havia criado anteriormente para aumentar o seu espaço privado: o ‘diário íntimo’” (2004, p. 60).

Baseado também na escrita íntima, nas pequenas misérias cotidianas, nas opiniões e inquietações do autor, mas admitindo um elemento novo: um público leitor. Admitindo-se porque, pela primeira vez, pressupõe-se que o escrito íntimo é algo feito com o intuito de ser desvendado e comentado. (2004, p. 61)

A jornalista e pesquisadora Fernanda Magalhães, no livro *Blog: jornalismo independente*, relata que o termo surgiu em meados de 1997, com o precursor Jorn Barger, e

foi destrinchado por Peter Merholz, presidente e fundador da empresa norte-americana de design Adaptive Path. Ela destaca que as páginas ganharam notoriedade ao adentrar o espaço da política e do jornalismo. “Logo, de divulgador de trabalhos, contos ou histórias, o blog passou a uma ferramenta muito importante de interação e expressão, um verdadeiro difusor de informações”, explica (2010, p. 13).

O blog como relato jornalístico desenvolveu-se no episódio da queda das torres nova-iorquinas do World Trade Center em 11 de setembro de 2001, de acordo com Schittine. “(...) Muitos blogueiros, inclusive brasileiros, precisaram desenvolver uma função de jornalistas nesse dia. Isso porque, após os atentados, os portais de notícias do Brasil e do mundo ficaram congestionados” (2004, p. 158).

Os diaristas virtuais, donos de suas páginas pessoais, tinham, pela primeira vez, a oportunidade de veicular uma notícia antes mesmo que os meios de comunicação tradicionais conseguissem fazê-lo. Mas transmitiriam essa notícia de uma forma diferente, impregnada de suas impressões, seus medos e seus comentários sobre o acontecimento. (SCHITTINE, 2004, p. 158, 159)

Fernanda Magalhães ressalta que “o desenvolvimento dos blogs se dá em uma velocidade incrível, assim como foi com a internet em si que, comparada a outros veículos de comunicação, levou apenas sete anos entre sua criação e ampla difusão” (2010, p. 13).

A intenção de funcionar como formador de opinião, objetivo de grande parte dos blogueiros, é um dos aspectos de interseção entre produzir conteúdo para um blog e o fazer jornalístico. Uma parcela dos próprios donos de blogs considera o escrito íntimo e pessoal de baixa qualidade. A maneira encontrada para contornar esse risco é se colocar “(...) como uma espécie de cronista da vida cotidiana” (SCHITTINE, 2004, p. 174). A expectativa é que as opiniões expostas no site sejam não só lidas, mas também comentadas e admiradas, assim como as de colunistas de jornais.

A relação inversa, de jornalistas que buscam espaço como blogueiros, é igualmente recorrente. De acordo com Schittine, ao passo que diaristas virtuais procuram se transformar em possíveis formadores de opinião, tal como profissionais da área de comunicação, os jornalistas veem os blogs como uma forma de desviar a atenção, à medida do possível, de afazeres da profissão. “Um grupo considerável de repórteres, que usa o texto noticioso no seu dia-a-dia de trabalho, resolveu levar para seus diários virtuais a escrita

íntima, o conto e o romance. Desenvolvem no blog a escrita de “lazer”, não-noticiosa, pessoal” (SCHITTINE, 2004, p. 179).

Schittine afirma que é difícil determinar em que categoria de escrita o blog se enquadra, visto que engloba diferentes gêneros e estilos. Para ela, o diário íntimo na internet, ou blog, realiza hibridismo de diversos tipos de escrita. Acaba, assim, percorrendo vários estilos, aproximando-se mais de uns ou de outros, a depender do momento, sem deixar de ter um pouco de cada um deles. A autora destaca ainda que o elemento causador da heterogeneidade do diário íntimo é a própria formação da expressão blog (web log), portanto, um diário – que é algo, a princípio, privado –, numa página da web – logo, pública.

Deve-se levar em conta, porém, que o blog enquanto diário carrega preocupações e desejos do escritor de mostrar-se com pudores e restrições. O blogueiro revela-se da forma como gostaria que os demais o enxergassem ou da forma como gostaria de ser. Diferentemente do que ocorre em um diário pessoal, no qual a pessoa tem liberdade para colocar-se do modo que bem entender, sem medo de críticas ou julgamentos.

No *sem esquinas*, adoto a postura de jornalista ao tentar reproduzir, partindo de informações sólidas, um recorte o mais real possível do cotidiano de Brasília. Além disso, ainda que não explicitamente, o material produzido pretende formar a opinião de leitores sobre a capital, assim como fazem veículos de comunicação. Por exemplo, na reportagem *Cidade de automóveis*⁹, pertencente à categoria *plano sem piloto*, relato com detalhes as dificuldades que determinada personagem enfrenta ao depender de transporte público no Distrito Federal. Veja o trecho abaixo:

Dados do DFTrans, de 2008, indicam a existência de 888 linhas de transporte público convencional (excetuando-se micro-ônibus e vans) em Brasília. Cristina utiliza três ou quatro delas, todos os dias. Quanto tem a sorte de pegar ônibus direto para a universidade, chega à aula no horário, às 8h. Caso contrário, leva 1h20 para desembarcar na rodoviária e, de lá, mais meia hora para trocar de veículo e alcançar o destino final. Por volta das 9h, entra na classe, já exausta e estressada, após suportar mais de hora em pé, espremida entre um amontoado de outros cidadãos, igualmente perturbados e indignados com a situação dos coletivos públicos. (FAGUNDES, 2013)

⁹ Todos os textos do blog *sem esquinas* citados neste trabalho estão em anexo.

Permito, contudo, que as frustrações da entrevistada ganhem destaque, em vez de evidenciar outros pontos também relevantes. O recorte que escolho pode vir a moldar as opiniões do público e, neste sentido, tendo a orientar o leitor para que desenvolva afinidades com Brasília.

Já no gênero crônica, assumo concepções e análises próprias, individuais, o que pode ser atribuído às características de um blogueiro, considerando-se o que propõe Schittine sobre o diário íntimo virtual. Exemplo disso é a crônica *Chuva de gente*, da editoria *distrito monumental*, na qual imprimo experiências particulares em primeira pessoa: “É melhor habitar Brasília do lado de fora, em vias, gramados e eixos. O Paranoá vira praia para os brasilienses mergulharem com vontade na estação. Eu mesma fui prestigiar sua chegada em um pôr-do-sol na Ermida¹⁰” (FAGUNDES, 2013).

A crônica, contudo, já faz parte do jornalismo, tal qual da literatura. O blog tem capacidade para atuar, deste modo, como ferramenta disseminadora de um tipo de jornalismo romaneado e acrescido de minúcias, um jornalismo que noticia mais que fatos, que relata a vida.

5.2. Jornalismo e literatura

O catedrático de literatura e comunicação da Universidade de Sevilha, na Espanha, Manuel Ángel Vázquez Medel, alega no artigo “Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências”¹¹, que o instrumento fundamental utilizado em discursos literários e jornalísticos é comum: a palavra e suas estratégias discursivas verbais. Juntos, eles podem levar ao descobrimento de verdades ocultas e, para o autor, tendo em vista a atual conjuntura do jornalismo, a tendência da profissão é unir os dois ofícios:

Com efeito, também nós pensamos que esse é o futuro, diante de um jornalismo de uma falsa retórica da objetividade, que em nada garante, em seu aparente estilo declarativo e constativo sua própria verdade. Diante de um jornalismo que ainda não percebeu que a verdade transparente não existe e que resulta inevitável (e, por isso, é ético assumi-lo), a parcialidade e a subjetividade do informador. (MEDEL. In: CASTRO, 2005, p. 19)

¹⁰ Tradicional monumento e ponto turístico de *Brasília*, situado no Lago Sul, às margens do Lago Paranoá.

¹¹ O artigo faz parte da seleção de textos encontrada no livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, de Gustavo de Castro e Alex Galeno.

Assim, pode-se simplificar as circunstâncias adotando-se a ideia de que a literatura está orientada para aquilo que é importante, no sentido de que aborda o essencial humano e, assim, perdura por longo período de tempo; enquanto a informação jornalística volta-se mais para o urgente, já que trata do circunstancial e tem, em geral, curta validade. Neste ponto, pode ocorrer o entroncamento entre os gêneros com o intuito de aperfeiçoar o material a ser entregue ao público.

No artigo “A palavra compartilhada”, também presente no livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*, o professor de comunicação social da Universidade de Brasília (UnB) Gustavo de Castro destaca que “o jornalismo trata dos mesmos dramas humanos que a literatura, só que através do filtro da rotina” (CASTRO, 2005, p. 75). Mais à frente, ele esclarece que “enquanto o jornalismo pretende oferecer uma visão objetiva, fiel ao mundo dos fatos que descreve, a literatura procura apresentar apenas um recorte verossímil” (2005, p. 80).

Para Castro, ao selecionar e associar dados e imagens e, assim, transpor a realidade ou mesmo condicionar o leitor, o jornalista acaba por efetuar sempre uma operação literária nessa realidade. “O jornalista traz quotidianamente o mundo para dentro do texto escrito. Põe no papel fatos, cenas, realizações, eventos os mais variados, num movimento em que extrai do mundo a matéria-prima necessária para retransformá-la em narração (CASTRO, 2005, p. 73)”.

O autor observa que o modelo atual praticado em jornais diários brasileiros está agonizante e aponta como possível solução a retomada de gêneros literários em periódicos. De acordo com ele, em tempos em que outras mídias triunfam diante de meios impressos, devido à grande velocidade de divulgar e disseminar informação, profissionais e veículos que lidam com a palavra escrita deveriam utilizar-se da narração como método de atrair o leitor. Dessa maneira, contos, crônicas e ensaios retornariam com maior força às páginas dos jornais, e conviveriam, em harmonia ou em conflito, com reportagens, entrevistas, editoriais, colunas, entre outros.

Castro defende que o jornalismo deveria ter maior autonomia estética, a exemplo da literatura. As limitações espaço-temporais, contudo, fazem com que repórteres pratiquem

constantemente o exercício de enxugar a informação, de sintetizar e agilizar ao máximo o processo de apuração e escrita.

O saber literário é precisamente uma resistência frente a trivialização do mundo. O saber é, por sua vez, a resistência frente à passividade e à desmemorização do homem. Para uma sensibilidade cultivada, o sentindo que um acontecimento toma não distingue um saber do outro, ambos convergem, dialogam, subsidiam-se, completam-se. (CASTRO, 2005, p. 83)

O ideal, apontam Medel e Castro, em referência a uma afirmação do escritor e jornalista Gabriel García Márquez quando interrogada sobre a relação entre jornalismo e literatura, é que “a poesia fosse cada vez mais informativa e o jornalismo cada vez mais poético” (CASTRO, 2005, p. 20).

5.2.1. Jornalismo literário

O jornalismo literário potencializa os recursos do jornalismo, explica o jornalista e professor da Universidade Federal Fluminense (UFF) Felipe Pena em seu artigo “O jornalismo literário como gênero e conceito”. Ao se aprofundar em relatos cotidianos e ultrapassar os limites superficiais dos acontecimentos diários, o gênero amplia as visões do leitor sobre a realidade.

As técnicas de redação do jornalismo tradicional, contudo, persistem, ainda que aplicadas na construção de uma narrativa diferente da convencional.

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2006, p. 7)

Na reportagem *Um shopping popular*, pertencente à editoria *plano sem piloto*, que apresenta a estrutura e a rotina do mais antigo shopping de Brasília, o Conjunto Nacional, foi realizada apuração jornalística nos moldes tradicionais. Há a tentativa de expor ao leitor as opiniões das diferentes partes envolvidas com o assunto, no caso, os usuários do espaço, os funcionários da administração e estudiosos aptos a se posicionar frente ao papel exercido

por esse tipo de centro comercial perante grandes metrópoles. Ainda assim, o texto não foge do principal objetivo do blog, que é explicitar o lado humano de moradores locais.

O jornalismo literário busca contextualizar a informação de maneira abrangente. “Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração” (PENA, 2006, p. 7). No jornalismo diário, diante de seu ritmo acelerado, tal proposta é inviável. Os repórteres possuem curto período de tempo para produção de conteúdo e os textos são engessados em modelos padrão que buscam objetividade e rapidez nas notícias.

Durante o período de apuração das reportagens para o blog, muitas vezes, foi difícil conciliar a ideia de construir material consistente e matérias redondas – ou seja, com dados, contextualização e devido embasamento nas informações (como depoimento de especialistas) –, ao curto *deadline*¹² que estipulei para a rotina de produção do trabalho. A postagem de três textos por semana demandou tempo de adaptação para que as reportagens fossem feitas dentro do planejado e mesmo do esperado, considerando-se as características do gênero.

Rildo Cosson, professor de literatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), no Rio Grande do Sul, observa, na obra *Romance-reportagem: o gênero*, que tratar de jornalismo relacionado a um estilo mais literário de escrita remete ao *New Journalism* – ou Novo Jornalismo, movimento anteriormente citado.

(...) corrente ou movimento do jornalismo norte-americano que, a partir dos anos 1960 procurou aproximar o jornalismo da literatura notadamente pela adoção de técnicas narrativas classicamente consideradas próprias da ficção. Os principais autores dessa corrente são Tom Wolfe, Norman Mailer, Truman Capote, entre outros. (2001, p. 19)

Weingarten explica que a base do movimento americano, ou a regra número um, segundo ele, é que antigas regras não se aplicavam. Apesar de os líderes do movimento terem sido educados por métodos tradicionais de apuração da notícia, eles acreditavam que o jornalismo podia ir além de simples relatos objetivos de acontecimentos. “Eles

¹² Termo utilizado no jornalismo para indicar prazo limite para finalização ou entrega de uma matéria ou reportagem.

perceberam que podiam fazer mais. Convencidos de que o potencial do jornalismo americano ainda não havia sido completamente explorado, começaram a pensar como romancistas”, observa o autor (2010, p. 16).

O estreitamente entre a relação do jornalismo com a literatura relaciona-se com a adoção do modelo literário norte-americano de não-ficção (*nonfiction novel*), “(...) o qual teria sido inaugurado nos Estados Unidos por Truman Capote” (COSSON, 2001, pg. 18). Capote publicou, em 1966, o livro *A sangue frio*, no qual, segundo o próprio autor, concebeu essa nova forma literária.

Pena explica que para se produzir jornalismo literário é preciso construir o enredo de forma sistêmica, levando em consideração que “(...) a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação” (2001, p. 14).

Defino jornalismo literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2006, p. 14)

O trabalho em questão apoiou-se nas infinitas possibilidades e perspectivas da realidade vivida por habitantes de Brasília para contar, com descrição de detalhes e envolvimento intrínsecos à literatura, somados a técnicas e posturas da escrita jornalística, como é ser um “bicho do cerrado”¹³.

5.2.2. Literatura jornalística: conto

A pressa do homem moderno transformou o jornalismo e a literatura. Ambos os gêneros sentiram necessidade de se adaptar às novas formas de tratamento da linguagem para competir com os meios audiovisuais e a internet. Segundo a pesquisadora em comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) Miriam Bauab Puzzo, na revista de pós-graduação em letras da Unesp *Miscelânea*, “a inovação é um dos desafios dos

¹³ Uma das *tags*, ou palavras-chave, mais utilizada para definir a temática dos textos do blog.

profissionais de comunicação para atrair o leitor e transmitir suas informações” (PUZZO, 2010, p. 126).

A busca pela atenção do leitor fez surgir modelos diferenciados de textos, tanto no jornalismo quanto na literatura, assim como no linear entre as duas formas de escrita. A revista *Realidade* é um exemplo disso. Publicada no Brasil pela Editora Abril entre 1966 e 1976, a publicação oferecia ao leitor reportagens que superavam a superficialidade da mídia diária, por meio de textos criativos e com profunda inserção do repórter no ambiente descrito ou abordado. O conteúdo da revista associava elementos informativos à narrativa ficcional, não só no âmbito da apuração, mas também em termos estéticos.

No blog *sem esquinas* o esforço por conquistar o público não é diferente do realizado por outros veículos. A editoria *via S2* apresenta contos em formato de gênero híbrido. O conteúdo é inspirado em histórias e personagens reais, mas ganha tom de narrativa literária, a fim de imprimir ao jornalismo a noção de proximidade e as possíveis interseções entre o real e o ficcional. O objetivo é mostrar que os casos de amor que acontecem na realidade podem ser eternizados por meio da literatura.

Os textos estabelecem diálogo com contos literários na forma de composição, assim como no estilo, o que provoca no público interesse pela leitura. Desse modo, cria-se personagens que deixam de beirar a invisibilidade – como acontece no jornalismo tradicional, em que a abordagem do indivíduo frequentemente restringe-se à rápida apresentação de nome, idade e fato que esse presenciou – e apelam para fortes traços de humanidade, emocionando o leitor.

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, em *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, esclarecem que a típica reportagem-conto possui estrutura mais orgânica em comparação às demais formas de reportagem. O gênero costuma particularizar a ação em torno de um único personagem que atua ao longo de toda a narrativa. “Os dados documentais entram dissimuladamente na história e o texto aproxima-se tanto do conto, que incorpora até fluxos de consciência dos personagens” (SODRÉ, 1986, p. 81).

É o que ocorre, por exemplo, no conto *Brasília aquecida*, no qual os pensamentos e memórias de Lucas e Gabriela, personagens centrais da narrativa, guiam o conto do início ao fim. O texto relata episódios reais partindo, ficcionalmente, da lembrança dos indivíduos que

viveram as situações apresentadas. Ao realizar hibridismo entre jornalismo e conto, o repórter abre mão de colocar os fatos em sequência linear ou em ordem de relevância, conforme é feito no jornalismo tradicional. Logo, assume-se a liberdade de ir e vir no tempo, de apropriar-se de figuras de linguagem e de elementos conotativos para, assim, compor o texto de forma a atribuir clímax à história, característica inerente à estrutura do gênero conto.

Os personagens do conto aparecem de maneira autônoma, ou seja, como se tivessem vida própria. Nessa forma narrativa, os conflitos dos indivíduos são, muitas vezes, passados ao público por meio de monólogos interiores ou sensações e reflexões do próprio personagem. O escritor assume, portanto, posição onipresente, podendo infiltrar-se na mente das pessoas que fazem parte do enredo. Tal conferência de aspectos literários à escrita jornalística acaba por gerar catarse no leitor, que passa a enquadrar com maior facilidade as experiências do personagem à vida real.

O conto utiliza-se de todos os elementos que compõem a narrativa, como tempo, espaço e foco narrativo de 1ª ou 3ª pessoa, desencadeando uma sequência de fatos que constituem a trama. O enredo é transposto de forma condensada e sintética, centrado em um único conflito. Característica que tende a criar no público uma unidade de impressão, ou seja, um efeito próprio em cada leitor, despertando sentimentos distintos em que lê o conto, como admiração, espanto, surpresa, entre outros.

O anseio do público pela identificação com o relato proposto é provavelmente o fator que levou a seção *via S2* a ser a mais visitada durante o período de atualização do blog, além de os textos da editoria terem atingido o maior número de compartilhamentos entre os leitores, via redes sociais, em comparação aos demais gêneros abordados no site. Tais aspectos estão detalhados no capítulo seguinte, de número 7, que trata da metodologia de pesquisa.

5.3. Jornalismo interpretativo

É possível estruturar a mensagem jornalística em três categorias: jornalismo informativo, jornalismo opinativo e jornalismo interpretativo. De acordo com o jornalista,

escritor e pesquisador Edvaldo Pereira Lima, na obra *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*, o papel do jornalismo informativo é orientar de maneira clara, rápida, precisa, exata e objetiva. Essa fórmula, contudo, é criticada com frequência, por resultar em conteúdo superficial e incompleto.

A fim de combater a superficialidade e enriquecer a informação, desenvolveu-se a notícia redonda, com dados complementares para solidificar os fatos. Mas Pereira Lima afirma que o puro arredondamento da notícia seria pouco para responder às críticas. Assim, o jornalismo acabou por criar a reportagem, modalidade que amplia a notícia para uma dimensão contextual.

Para suprir a deficiência de uma imprensa que não ultrapassa o simples relato de ocorrências e que é capaz de ligar e costurar informações, surge o jornalismo interpretativo. Apoiado no conceito de grande-reportagem, que procura possibilitar ao público "(...) um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia" (LIMA, 2009, p. 18).

O autor explica o que pretende o jornalismo opinativo: "Busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros" (LIMA, 2009, p. 19, 20).

Na categoria jornalística, os ingredientes para corporificar o que está mal explicado, conforme esclarece Pereira Lima são: o contexto do fato nuclear, ou seja, quando o tema é mais duradouro e reflete em mais do que apenas uma ocorrência quase isolada, para que o leitor tenha uma visão clara do fenômeno; os antecedentes, que procuram resgatar temporalmente as origens do problema; o suporte especializado, a partir de enquete, pesquisas de opinião pública ou entrevistas com especialistas e testemunhas do assunto em questão, o que dá sustentação ao fato e evita informação oca; a projeção, que tenta inferir do presente e do passado os possíveis desdobramentos do caso, as consequências e o alcance futuro; e o perfil, que consiste na humanização da reportagem, para transmitir um retrato mais completo dos temas.

Na editoria *plano sem piloto*, as reportagens apoiam-se em conceitos do jornalismo interpretativo, assim como no jornalismo literário, forma de escrita que pode transpassar verticalmente qualquer uma das categorias jornalísticas (jornalismo informativo, opinativo ou interpretativo). Ao longo da apuração, as temáticas abordadas foram, na maior parte das vezes, assuntos duradouros e fenômenos que afetam o cidadão e fazem parte da rotina da cidade.

É o caso da reportagem *Capital não imaginada*, que descreve o dia de uma empregada doméstica que mora no Entorno, ou da reportagem *Cidade de automóveis*, que aborda o grande fluxo de carros na cidade e trata da má qualidade do transporte público. Todavia, a princípio, tive dificuldades para seguir os princípios da reportagem, deixando de contextualizar temporalmente os fatos, de relatar antecedentes ou de buscar suporte especializado em especialistas, por exemplo, conforme será explicitado no tópico seguinte, 6.3.1.

Pereira Lima explica que esses ingredientes unidos no jornalismo interpretativo estão voltados para uma abordagem multiangular, para um entendimento da realidade que vá além do enfoque linear. Segundo o pesquisador, a categoria não se contenta com a relação simplista de causa e efeito.

5.3.1. Reportagem

No livro *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*, Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari apontam a reportagem como o lugar por excelência da narração jornalística. Segundo os autores, o gênero é de fato uma narrativa, visto que possui personagens, ação dramática e descrições de ambiente. Mas se separa da literatura por ter compromisso com a objetividade informativa. Eles definem como principais características da reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

A reportagem *Boteco de esquina*, da editoria *plano sem piloto*, mostra a rotina de um bar localizado em uma das principais avenidas do Núcleo Bandeirante, uma das primeiras região administrativas de Brasília. O texto apresenta personagens, conta ações dramáticas e

descreve o ambiente. Porém, ao citar que existe um total de dez bares ao longo da rua, comete o erro de abrir espaço para a interpretação de que o comércio da região resume-se a isso. Por outro lado, a matéria atinge o objetivo de ambientar o leitor, ao indicar com precisão disposição de móveis, divisão de cômodos e funcionamento do boteco.

A reportagem distingue-se da notícia, pois não necessariamente pressupõe atualidade. A notícia tem função essencial de tornar público um fato recente a partir de uma informação, ela assinala acontecimentos correntes ao leitor. Já a reportagem traz detalhamento e contextualiza aquilo que foi anteriormente anunciado. Dessa forma, mesmo um fato que ocorreu há cinco ou dez anos pode voltar a aparecer em veículos de comunicação em forma de reportagem, a título de comemoração, por exemplo.

Citando novamente a reportagem do blog *Cidade de automóveis*, o assunto é bastante abordado e o fato de que o transporte público no Distrito Federal não atende a necessidade dos moradores já está esgotado. Mas, ao acompanhar e descrever a realidade de personagens submetidos a conviver diariamente com as más condições de serviço de ônibus na capital, o jornalismo se aproxima do leitor. Mostra a situação a quem não conhece e gera identificação em quem passa pelo mesmo. O fator humano torna o texto mais interessante e atrativo. Contudo, ele peca ao trazer excesso de detalhes, o que deixa as informações confusas e pode fazer com o que o leitor não consiga acompanhar dados e números.

Em *Técnicas de codificação em jornalismo*, o jornalista e professor da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP) Mário L. Erbolato observa que o noticiário deve ser atrativo, a fim de conquistar a simpatia e o interesse do leitor. Não basta apenas reproduzir conteúdos e informações que chegam à redação. Se assim fosse, todos os periódicos seriam iguais. Ao jornalista, cabe criar a boa notícia. Em outras palavras, é o profissional quem tem poder de tornar a leitura das matérias agradável.

Sodré e Ferrari lembram, porém, que, às vezes, as fronteiras entre os gêneros se tornam tênues. O repórter pode optar em construir a narrativa partindo da reportagem-conto e, nesse caso, começa por particularizar a ação, escolhendo um personagem para ilustrar o tema que pretende desenvolver. É o que ocorre na reportagem *Praça em preto e branco* – fixado na editoria *plano sem piloto* –, cujo primeiro parágrafo é a descrição e

ambientação de um grupo de personagens na Praça dos Três Poderes, para introduzir o tema central da matéria, que é o local em si. Observe:

A turma se aglomera ao redor do professor. Enquanto ouvem a explicação, as mais de trinta cabeças se voltam para cá e para lá, analisando o cartão de visitas da cidade. É uma praça diferente. Por ali, nada de gramado ou terra. O chão é só concreto. No lugar da vegetação, monumentos e esculturas. (FAGUNDES, 2013)

O texto pode partir também da reportagem-crônica, que os pesquisadores assumem como classificação de caráter mais circunstancial e ambiental em relação ao conto. Segundo eles, a reportagem-crônica, por ser pequena, não é uma notícia, nem é abrangente como uma grande reportagem. Aproxima-se, assim, da crítica social e da opinião velada. Ainda em *Praça em preto e branco*, isso pode ser visto na frase final do último parágrafo, em que imprimo, na forma de interrogativa, opinião à narrativa:

Quando as luzes começam a se acender, Alice e um colega recolhem seus produtos. Vitor e a turma de arquitetura ainda passeiam de um monumento a outro. Vão ficar mais um instante, para observar o jogo de luzes a se projetar nas colunas dos palácios. Novas levas de visitantes se aproximam para um turismo noturno. A praça segue imponente, noite e dia, feita de gente e vazios. E precisa mais do que isso? (FAGUNDES, 2013)

No livro *Notícia – um produto à venda*, a jornalista, pesquisadora e professora da Universidade de São Paulo (USP) Cremilda Medina define a reportagem como misto de impressões ficcionais e elementos documentados. As reportagens, assim como os contos, perfis e crônicas, do *sem esquinas* procuram um equilíbrio ideal entre esses dois pontos, para melhor atender às expectativas do público de encontrar na página textos de qualidade que relatam o cotidiano da cidade a partir de experiências de moradores.

5.3.2. Perfil

Na tese de doutorado *O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*, o jornalista, escritor e professor da Universidade de Brasília (UnB) Paulo Paniago explica que perfil é “um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico — o ser humano em sua trajetória através da vida” (PANIAGO, 2008, p. 25). O que diferencia o perfil de uma reportagem comum é o fato de o primeiro destacar a visão de mundo que o

personagem possui, enquanto o segundo ressalta acontecimentos relacionados a tal personagem, colocando-o como ator secundário diante dos fatos e, portanto, sem humanizá-lo.

O perfil *Do poder à doçura*, hospedado na seção *eixo central*, conta a história de vida de Sarah Abrahão, servidora do Senado Federal há meio século, imprimindo sentimentos e pontos de vista da personagem com relação aos acontecimentos. Já na reportagem *Boteco de esquina*, anteriormente mencionada, a descrição do dono do bar restringe-se ao relato de características físicas e do cotidiano do entrevistado. As diferentes maneiras de abordar cada indivíduo nos textos é o que sugere a distinção entre os gêneros. O perfil parte de um elemento maior – o Senado – para aprofundar-se nas experiências de Sarah. Já a reportagem parte da rotina de quem frequenta o bar para contextualizar o leitor ao dia a dia de um trabalhador comum do Núcleo Bandeirante e, em sentido mais amplo, de Brasília.

Para o jornalista e escritor Ricardo Kotscho, na obra *A prática da reportagem*, o perfil confere ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado. Para tanto, é preciso que, antes mesmo de entrevistar o personagem, o profissional procure se munir da maior quantidade de informações sobre ele, por meio de arquivos de jornal ou de pessoas relacionadas. É importante também que o jornalista vá de encontro ao entrevistado isento de qualquer tipo de preconceito, qualquer ideia pré-fixada tanto pela pauta imposta, pelos demais ou por ele mesmo. Já que o foco da matéria será determinado pela sensibilidade de quem a escreve.

No perfil de Sarah Abrahão, por exemplo, foi mais simples proceder conforme Kotscho sugere, pois a personagem, por se tratar de figura pública e reconhecida no Congresso Nacional, possui pastas com jornais, cartas e documentos que resumem não só a história dela no Senado, mas também a passagem de presidentes da instituição e presidentes da República no cenário político nacional. Pude acessar esse material com facilidade, visto que foi disponibilizado pela entrevistada.

Contudo, nem todos os potenciais perfilados estão munidos de coletânea semelhante, o que leva o repórter a usar com maior empenho das técnicas de investigação e de habilidades para apurar conteúdo. O fato de usufruir de tal material, por sua vez, conduz o

repórter a utilizar a criatividade com mais dedicação, para apresentar o personagem de modo diferente do que já foi feito por outros colegas.

Paniago observa que o perfil também se diferencia da biografia, que trata da vida como um todo de determinada personalidade ou figura que se destaque dos demais (artistas ou intelectuais, por exemplo). Já o gênero em questão aborda um momento específico da vida do personagem e “desenvolveu-se para incorporar a história do homem comum” (PANIAGO, 2008, p. 26).

O perfil não precisa ser de alguém famoso ou reconhecido publicamente. O drama humano pode ser mais bem representado naqueles que não necessariamente “se deram bem” na vida. É preciso encontrar o que há de incomum em alguém que normalmente seria visto como “uma pessoa comum”. (PANIAGO, 2008, p. 27)

A narrativa textual tem como base o personagem, o que aproxima o gênero perfil da literatura. Dessa maneira, o indivíduo não deve ser apresentado com distanciamento e, sim, na complexidade devida, com passado, relações, trabalho, entre outros fatores intrínsecos ao dia a dia das pessoas.

De acordo com Paniago, o gênero também possibilita aos jornalistas voltar-se para algo que pertence, geralmente, ao universo da literatura, como a narrativa orientada pelo personagem. Tal fator torna os desdobramentos da história interessantes, visto que há a inserção de seres humanos, com dramas, opiniões, qualidades e imperfeições.

Ao exercer a escrita do perfil, portanto, o repórter ultrapassa a simples reprodução da realidade e se permite ir além dos critérios de objetividade. “A inteligência por trás do argumento do jornalismo literário reside no fato de os jornalistas se perceberem como seres inteligentes e articulados, articuladores da realidade com a qual interagem” (PANIAGO, 2008, p. 28, 29).

Os textos do *sem esquinas*, não só os perfis, mas também as reportagens, buscam apresentar os personagens de maneira a colocar em evidência o lado humano desses e, portanto, mostrar Brasília como um lugar habitado não só por concreto, mas também por pessoas. Elas, diariamente, se dispõem a superar os problemas da rotina local, sem deixar de apreciar os pequenos encantos da cidade.

5.4. Jornalismo opinativo

O jornalista, professor e pesquisador José Marques de Melo, na obra *A opinião no jornalismo brasileiro*, explica que a categoria jornalismo opinativo realiza uma leitura da realidade baseada em opiniões do profissional que constrói o texto. É, portanto, diferente do jornalismo informativo e do jornalismo interpretativo, pois, não faz um retrato objetivo dos acontecimentos.

Segundo o autor, os gêneros opinativos são: editorial, artigo, resenha ou crítica, crônica, coluna, carta ao leitor, caricatura e charge. Eles são formados por variáveis diretamente relacionadas ao veículo de comunicação no qual são publicados ou ao profissional que produz o texto, ou seja, predomina a visão de uma dessas partes.

De acordo com Cremilda Medina em *Notícia – um produto à venda*, a categoria opinião trata do fato comentado e avaliado numa argumentação demonstrativa. O jornalismo opinativo surgiu, assim como o jornalismo interpretativo, após a Primeira Guerra Mundial. Ao avaliar os periódicos feitos à época e a necessidade de leitores diante dos acontecimentos desencadeados pelo contexto histórico, os jornalistas perceberam a necessidade de complementar o trabalho. Era como se faltasse algo no produto final. Buscaram, portanto, uma nova dimensão da notícia, levando ao público elementos como antecedentes, significações indiretas e contexto.

Medina observa que a opinião se manifesta expressamente em páginas editoriais, setor de variedades – como teatro, cinema e televisão – e no esporte. Neste último, a pesquisadora aponta confusão constante entre os gêneros, visto que as matérias de cadernos de esporte são carregadas de opinião e com frequência não apresentam a objetividade inerente ao jornalismo informativo, resumindo-se ao jornalismo opinativo.

Contudo, é importante que o jornalista considere a necessidade de distanciamento entre o texto que tem por objetivo central informar e o texto que busca essencialmente opinar, posicionar-se. As dimensões são distintas posto que o material informativo relata fatos em uma narrativa direta que pretende, com precisão, por o leitor a par de determinado tópico. Apesar de não estar de todo isento de posicionamento particular do repórter, o que seria impossível – considerando-se que o jornalista possui experiências e conhecimentos próprios e, inevitavelmente, imprime visões e recortes particulares ao texto –, a notícia ou

reportagem informativa pretende, na teoria, apenas repassar fatos com concisão. Já o conteúdo opinativo intenciona de forma aberta incorporar ideias e expor juízos e valores.

A escolha de utilizar no blog a técnica de escrita jornalístico-literária denominada crônica, subdivisão do gênero opinativo, surgiu com a vontade de disponibilizar ao público jornalismo mais amplo possível. Ao produzir textos com liberdade de expor vivências individuais e ressaltar pontos de vista, pretendo mostrar uma Brasília que tem pouco espaço na grande mídia, mas é a cidade que me encanta e me levou a elaborar este trabalho. É uma Brasília inteiramente entregue aos brasilienses, com diversos defeitos, mas que, mesmo assim, acolhe os habitantes todos os dias, sem hesitar, faça chuva ou faça seca.

5.4.1. Crônica

O cientista social e pesquisador Alex Galeno, no artigo “Palavras que tecem e livros que ensinam a dançar” – que está na coletânea do livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra* de Gustavo de Castro –, observa que a literatura pode ser um meio de desobstruir a imaginação do jornalista e de evitar que a profissão torne-se mero exercício retórico do cotidiano. “Jornalismo e literatura ao deixarem de ser praticadas como áreas fatiadas do conhecimento (...) convocam escritores e jornalistas a se soltarem dos mastros do dogmatismo e da arrogância” (GALENO. In: CASTRO, 2005, p. 107).

A proposta da crônica vai de encontro ao que Galeno coloca. Ela é um texto literário no espaço do jornal. Enquanto as notícias procuram convencer o leitor sobre a veracidade dos fatos apresentados, a crônica insiste e dá destaque à desimportância de tudo, é o que coloca Marcelo Coelho, colaborador da *Folha de S.Paulo* e professor de jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, no artigo “Notícias sobre a crônica” – também presente na obra *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. Segundo ele, o gênero exerce a função de ser uma espécie de negativo da notícia e avesso dos fatos.

Em cada notícia o assunto é o principal, isto é, o jornalista está mais preocupado em transmitir a informação, em servir ao seu assunto, do que em fazer literatura. Na crônica, o assunto é o de menos, e muitas vezes a melhor crônica é a que justamente aponta para o fato de não ter assunto nenhum. (COELHO. In: CASTRO, 2005, p. 156)

O autor alega ainda que a notícia já expressa um ponto de vista. Na realidade, no jornalismo tradicional é comum que os fatos se confundam com o próprio ponto de vista do autor. Logo, em maior ou menor proporção, o fazer jornalístico é, invariável e inevitavelmente, afetado pela subjetividade de quem escreve o conteúdo. Tanto o gênero informativo quanto a crônica se apropriam da realidade.

A diferença é que, para jornalismo factual, essa realidade é mero registro. Já a crônica tenta ir além, pretende revelar o que está por trás das aparências, o que o senso comum não vê, conforme destaca o escritor e antigo cronista do *Correio Braziliense* Rogério Menezes no artigo “Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo” – também presente no livro *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. Para ele, “o olhar do cronista sobre o mundo é esse, de certo estranhamento, de tentar descobrir (e achar) as fissuras do real, o que parece invisível para a maioria das pessoas” (MENEZES. In: CASTRO, 2005, p. 165).

As crônicas do *sem esquinas*, hospedadas na editoria *distrito monumental*, procuram alcançar esse objetivo. Em *Na esquina da 8 com a 9* – primeiro e mais popular texto do site –, por exemplo, o texto convoca o público a refletir sobre a existência ou não de esquinas na cidade a partir de abordagens que fazem alusão ao ato de viver. Coloca a falta de esquinas em Brasília como uma possível proposta de Lucio Costa aos moradores para seguir invariavelmente no ritmo da vida, que vai sempre em frente, em constante linha reta. Esse exercício de partir do banal para o sublime é característico do gênero, tal qual a ressignificação do objeto de escrita, a capacidade de mostrá-lo por outro ângulo.

José Marques de Melo, na obra *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*, explica que, do ponto de vista histórico, o significado do termo crônica está ligado à narração de fatos, de maneira cronológica, a fim de documentá-los para a posteridade. Contudo, no Brasil, o gênero assumiu forma diferente e “[...] gira permanentemente em torno da atualidade, captando com argúcia e sensibilidade o dinamismo da notícia que permeia toda a produção jornalística” (MELO, 1994, p. 154).

Opondo-se à terminologia original, a crônica segue por uma linha de escrita despreocupada com o encadeamento exato dos acontecimentos. Enquanto o cronista é o narrador da história – segundo afirma o filósofo, sociólogo e ensaísta alemão Walter Benjamin no ensaio “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, trecho do

livro *Magia e técnica, arte e política* –, o historiador precisa relatá-la em ordem e com organização, a fim de explicar os episódios com que lida. Ao passo que o cronista tem liberdade para representar tais episódios como modelos do mundo, de acordo com o que coloca Benjamin.

A mudança de estação, as queimadas e os alagamentos, por exemplo, tem potencial valor-notícia em jornais, mas são episódios divulgados com a crueza denotativa comum aos periódicos. Já na crônica procura-se um equilíbrio ou a mistura ideal entre o ceticismo do fazer jornalístico e o lirismo da escrita literária. No texto *Chuva de gente*, a chegada da seca e da chuva ganham atribuições de sentido partindo-se do ponto de vista do cidadão que as enfrentam rotineiramente. Ao gerar efeitos de identificação no público, o que era apenas notícia torna-se palpável e se aplica à realidade.

No jornalismo brasileiro, a crônica é um gênero bem definido, enriquecido pelo trabalho de escritores consagrados como Machado de Assis e Clarice Lispector e de cronistas de destaque como Rubem Braga. Marques de Melo aponta que a configuração contemporânea da crônica permitiu que alguns estudiosos a definissem como gênero tipicamente brasileiro, sem equivalente na produção jornalística de outros países. É um estilo que narra direta e imediatamente determinada notícia, porém, faz uso de um tom leve, descontraído, e aborda questões secundárias relacionadas ao tema. “Isso constitui um momento de pausa, que reflete a trégua necessária à vida social” (MELO, 1994, p. 154).

Mas, ainda que com sutileza e apropriando-se de figuras de linguagem e recursos literários, a crônica muitas vezes traz críticas sociais e pretende geral reflexão. É o caso do texto *Gatas borralheiras*, que faz uso da descontração de escrita proporcionada pelo gênero para tratar de assunto grave. A crônica aborda a latente desigualdade social na região do Distrito Federal, contrapondo a rotina de quem vive no Entorno à rotina de quem vive em bairros nobres e depende do serviço de cidadãos que vêm de longe para manter a cidade em aparente ordem.

O cronista pode partir de qualquer lugar, falar sobre qualquer assunto, retomar temas antigos, não mostrar dados ou estatísticas sobre aquilo que aborda. Pode, até mesmo, trazer dúvidas e incertezas ou apenas não apresentar tema algum ao leitor. Ele não tem obrigação de tratar de nada importante, ao menos, não dentro do que é tido como relevante

no jornalismo factual. “(...) Pouco importa, porque o texto extrai toda sua alta qualidade literária dessa mesma desimportância” (COELHO. In: CASTRO, 2005, p. 158).

Com o intuito de encontrar seu objeto de escrita, o cronista deve circular por diferentes locais, ouvir histórias diversas, observar com atenção, conversar e, como destaca Rogério Menezes, “(...) agir como se fosse pessoa como outra qualquer, como de fato é, mesmo não sendo (se é que vocês me entendem)” (MENEZES. In: CASTRO, 2005, p. 166). Afinal, como já foi exposto, o cronista se alimenta do mundo real e nele busca inspiração.

O pano de fundo, a bem-urdida teia, que inspira e impulsiona tanto o jornalismo, quanto a crônica e o romance é a crua e nua realidade, com todas as cores e dores que lhe são peculiares. Essa inspiração tem sentido: nada, nem a mais desvairada ficção, é mais fascinante, mais rica e mais pródiga de sentidos, sentimentos, significados e paixões que a vida real. (MENEZES. In: CASTRO, 2005, p. 163)

A crônica *Vamos descer?* é um exemplo disso, extrai da corriqueira cena da capital de encontrar-se jovens por entre pilotis de blocos, objeto de escrita para um texto cheio de significados e sentimentos advindos de experiência real. Além disso, também há recorrência à nostalgia, característica que ocorre no gênero crônica. Assim como a confluência de gêneros, pois, ao relatar uma história com detalhes, ambientação e diálogos, a crônica ganha tom de conto, os gêneros se confundem e sofrem hibridismo.

Nos jornais, a crônica e os demais gêneros opinativos atuam como fator que diferencia um periódico de outro. As notícias de destaque são, na maioria das vezes, as mesmas, com pequenas variações de enfoque. São, portanto, os textos de opinião que permitem ao público dialogar com o veículo.

Há, contudo, na crônica, o desafio de não ser acusada de alienada ou escapista, considerando-se a leveza ou aparente banalidade dos temas. Por outro lado, o cronista deve evitar a abordagem ou observar com cuidado a forma como aborda assuntos excessivamente pesados ou profundos, para não resultar em texto deprimente. Rogério Menezes sublinha que o gênero não quer mudar o mundo, que pretende somente mostrar que as coisas podem não ser o que parecem – função que, lembra o autor, não é pouco. Elas podem ser valorizadas ou criticadas, encaradas como melhores ou piores, a depender da sensibilidade e posicionamento do cronista.

A crônica está entre os principais gêneros jornalísticos informativos, conforme coloca Paulo Paniago, na tese *O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. O pesquisador a define como “(...) gênero híbrido, nem tão literatura, nem só jornalismo. A crônica está na fronteira entre informação e atualidade e narração literária; é um oásis em meio ao caos das notícias ruins. Nela, ainda se acredita que a experiência do ser humano possa dar certo” (PANIAGO, 2008, p. 21).

Os textos do *sem esquinas* como um todo, extrapolando o conteúdo apresentado como gênero crônica, propõem-se a reproduzir um pouco dos múltiplos e intensos sentimentos que transpassam a experiência de estar vivo. O site procura mostrar que os indivíduos apresentam complexidade muito além do que os jornais retratam. As pessoas representam mais do que simples números nas páginas de um periódico e podem render ao jornalismo não só aspas, mas uma reportagem inteira.

6. Metodologia

A ideia que originou este trabalho surgiu da tentativa de unir duas paixões. Eu sabia que para conseguir fazer um bom projeto de conclusão de curso deveria abordar um tema que realmente me interessasse, a partir de aspectos do jornalismo atrativos para mim. Foi em um ônibus, no percurso entre o Distrito Federal e Ouro Preto (MG), que gastei as horas da viagem concebendo o esqueleto inicial do trabalho. Definir Brasília como objeto de estudo não foi difícil, bastou entender que era preciso estipular como assunto para o projeto algo que eu goste muito.

Eu queria mostrar ao mundo o lado humano da cidade onde vivo, que é, com frequência, acusada de fria. Mas como levar ao mundo o material que eu viesse a produzir? A internet, enquanto meio de fácil, gratuita e rápida difusão me pareceu a melhor forma de fazê-lo. A princípio, acreditei que, ao recorrer a um veículo virtual, poderia atingir todo tipo de público e em qualquer lugar – fator importante, considerando-se que a proposta central do projeto era apresentar Brasília aos demais brasileiros, que não brasilienses, por meio dos moradores da cidade. Logo, criar um blog seria a maneira mais acessível e abrangente de reproduzir o produto.

Contudo, já na primeira reunião com o professor orientador do trabalho, Paulo Paniago, deparei-me com a seguinte questão: será a internet, de fato, um meio de comunicação acessível no Brasil? Segundo pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) realizada no terceiro trimestre de 2012, 94,2% de brasileiros têm acesso à internet de ambientes como domicílios, trabalho, escolas, *lan houses*, entre outros. Já a população nacional, de acordo com dados do Banco Mundial de 2011, é de 196,7 milhões de pessoas. Portanto, foi preciso considerar desde antes da criação da página que o *sem esquinas* estaria disponível para menos da metade do total de brasileiros atualmente.

Avaliei a viabilidade de compilar os textos em um livro-reportagem. Mas tal escolha exigiria capital financeiro suficiente para grandes tiragens, caso eu quisesse difundir em larga escala o produto. Além disso, fugiria do plano primeiro de mostrar a cidade e os moradores por meio não só de texto, mas também de produtos audiovisuais como músicas e imagens. Assim, mantive a ideia de criar um blog.

Inspirado na série de filmes *Cities of love* (Cidades do amor, em tradução livre), como *Paris, eu te amo* e *Nova York, te amo, o sem esquinas* foi concebido. A franquia cinematográfica reúne curtas-metragens com histórias cujo pano de fundo são grandes metrópoles mundiais. As tramas relatam o cotidiano ou os dilemas de personagens que vivem a rotina das cidades. Já o blog recorre não ao audiovisual, mas ao jornalismo e à literatura para contar Brasília a quem não a conhece ou a quem deseja conhecê-la de um jeito diferente.

6.1. Organização da página

Fazer um blog não é fácil, advertiu o orientador do projeto, desde o início do semestre. A construção do espaço exige planejamento e paciência, não demorei a perceber. Como me propus a colocar a página no ar no dia do aniversário de Brasília, 21 de abril, tive cerca de duas semanas para criar e personalizar o espaço no qual as reportagens seriam alojadas.

Comecei por escolher o serviço de hospedagem. Por já ter utilizado o Wordpress em outras experiências com blog, resolvi adotá-lo também como ferramenta para a elaboração do *sem esquinas*. Criei o endereço da página e, pensando em simplificar o acesso do público, paguei a taxa exigida para tornar o domínio “.com”. O objetivo era facilitar a chegada do leitor à página, já que é mais fácil memorizar o endereço “www.semesquinas.com” do que o “www.semesquinas.wordpress.com”.

Porém, preferi não comprar os pacotes anuais que oferecem opções diversas de planos de fundo e que possibilitam modificar as fontes no layout selecionado. Assumindo-se que o conteúdo deveria ser o aspecto de maior relevância do site, trabalhei a estrutura e aparência do blog de acordo com serviços e opções disponibilizados gratuitamente pelo aplicativo Wordpress.

Selecionei um tema que colocasse em evidência, na página inicial, o conjunto de textos, dando destaque à ilustração de capa do site – com o nome e, logo abaixo, a frase de apoio ao título –, com símbolos e imagens que remetem às singularidades de Brasília. Primeiramente, recorri a um desenho que continha elementos significativos da cidade, como

uma tesourinha vista de cima, o trânsito congestionado e a catedral. Porém, a composição ilustrava também espaços locais que são marcantes somente para determinada parcela da população, é o caso do bar Desfrut, na Asa Sul, frequentado essencialmente por estudantes universitários e habitantes da região, ou da pizzaria Dom Bosco, popular entre os moradores, mas pouco difundida fora da capital.

Para elaborar uma arte que remetesse de fato à Brasília, foi preciso repensar o desenho. Criamos, portanto, eu e o colaborador de ilustração e designer responsável pela ilustração, Marcos Morce, um projeto que engloba aspectos estruturais, físicos e climáticos da cidade. A vista do ângulo de quem vai entrar em uma tesourinha reporta o público a atributos como a padronização e planejamento, assim como o gramado verde ao redor e as árvores tortas e curvadas explicitam as especificidades climáticas do bioma que resiste aos extremos da estiagem e da tempestade.

A divisão da página principal em três colunas pretende permitir ao leitor maior liberdade para percorrer os diferentes gêneros, por isso as fotos indicam a qual categoria o texto pertence. As faixas inseridas nas imagens foram anteriormente pensadas de acordo com as cores e a possível relação com características da cidade e com o gênero textual.

Utilizei o azul para as crônicas porque é o gênero que possui maior número de postagens e faz referência ao céu de Brasília, que é o que existe de maior e mais abrangente na cidade. O vermelho foi a cor escolhida para as reportagens, pois é a cor da terra no planalto central e, dessa forma, realiza paralelo com a intenção das reportagens de manter-se em conexão com a realidade, com os pés no chão, para mostrar a rotina dos moradores e trazer críticas sociais quanto a rotina candanga. A faixa dos contos é verde, em alusão ao cerrado e, portanto, às *tags*, ou palavras-chave, usadas nos contos, que são “amor seco” e “amor chuvoso”. Já os perfis recorrem ao amarelo, opção que faz analogia aos ipês-amarelos que florescem no auge da seca e aos perfilados, pessoas fortes e persistentes, que resistem às dificuldades de qualquer clima ou estação.

A fonte empregada nas faixas de editorias foi a única que tive liberdade para escolher, já que as fotos podem ser ajustadas no Photoshop, não dependendo, portanto, das restrições impostas pelo pacote gratuito do Wordpress. Optei pela helvética, já que é a mesma fonte encontrada nas placas de trânsito e localização da cidade. O tamanho dos

títulos das matérias foram, igualmente, calculados com cuidado, a fim de que não ocorressem repetições e também para manter as imagens dispostas na mesma altura, criando regularidade na composição dos itens da página.

Com a mesma proposta de simplificar a navegação no site para o público, foram instalados atalhos de acesso às editorias na parte superior da página inicial, juntamente com a opção “início”, que facilita o retorno ao princípio da sessão, e a janela “blog”, com a explicação do que é e de como funciona o projeto. Ao fim, há uma aba que leva aos colaboradores, pessoas que, de alguma maneira, contribuíram com a criação e alimentação do blog.

Internamente, as páginas que hospedam os textos estão divididas em duas colunas. A primeira é maior, traz um espaço para o conteúdo jornalístico proposto, com título, data de postagem e, em seguida, a matéria. Abaixo, existem ícones relativos ao compartilhamento no próprio servidor Wordpress e em redes sociais, para o caso de o público querer sugerir o material a outros leitores em perfis pessoais.

Ao fim de cada texto, há também a classificação por categoria (*distrito monumental, plano sem piloto, via S2 e eixo central*) e as *tags*, que revelam o gênero usado, além de servirem como instruções sobre o tema da matéria e dispositivo para sugerir informações prévias sobre o conteúdo. Escolhi palavras-chave e expressões como “bicho do cerrado”, “não-esquinas”, “esquinas de Brasília” e “fora do quadrado”, na tentativa de abranger questões como o Entorno, o cotidiano de moradores e as estruturas urbanísticas brasilienses que se aproximam em formato e proposta do conceito de esquina para as demais cidades.

A coluna lateral, por sua vez, traz um breve texto descritivo sobre a autora do projeto, com informações sobre o que eu gosto e o que eu não gosto em Brasília. O mesmo recurso aparece na apresentação dos colaboradores. A ideia é inspirada na cena inicial do filme francês *O fabuloso destino de Amélie Poulain*, na qual os personagens são apresentados a partir daquilo que gostam ou não de fazer. Além disso, o espaço possui uma foto pessoal, tirada na Igrejinha da 307/308 Sul – primeiro templo em alvenaria a ser erguido em Brasília, inaugurada em junho de 1958 – com o intuito de ambientar o blog por meio de ponto turístico notório.

Em seguida, a coluna lateral dispõe componente de pesquisa para localização de conteúdo dentro da própria página, a ferramenta está identificada pelo nome “pesquisar nas esquinas”. Depois vêm os “traçados urbanos”, elemento que possibilita o acesso para a listagem mensal de publicações no blog. Na sequência, a caixa curtir do Facebook, nome pelo qual o mecanismo é chamado no Wordpress, relata a quantidade de pessoas que seguem a página do blog na rede social, exibindo as respectivas imagens de perfil dos usuários. Por último, a opção “pelo planalto central” introduz ao público outras páginas virtuais que abordam Brasília por uma perspectiva mais humanizada.

6.1.1. Campanha de divulgação

Na semana anterior à data de inauguração do blog, organizei uma pequena campanha de divulgação do site. A partir da apropriação da expressão popular “vai ver se estou na esquina”, distribui 50 cartazes com a frase na Universidade de Brasília, além de reproduzir a publicidade em redes sociais e por e-mail. A estrutura do anúncio era bastante simples, continha somente a expressão e a palavra “esquina” vinha em destaque, ocupando quase todo o espaço do papel. A fonte, mais uma vez, era a helvética, por causa das placas da cidade, na cor preta, contrapondo-se ao branco da folha A4.

O recurso usado para divulgar o trabalho ao público pertence ao ramo da publicidade e é chamado de *teaser*, o que, em português, significa, literalmente, incitador. Segundo o estudante e pesquisador da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Sidney Allan, em trabalho de pesquisa desenvolvido para disciplina de estágio supervisionado¹⁴, a técnica trata-se de uma peça publicitária que incita a curiosidade das pessoas, sem revelar totalmente o objeto que está sendo divulgado.

O objetivo é atrair a atenção das pessoas para um anúncio subsequente, por intermédio de informação enigmática. Diante de cartaz, texto ou vídeo com poucos ou com nenhum dado sobre o produto em publicitação, o público se questiona quanto ao significado da peça e tem a curiosidade aguçada, na expectativa pela explicação. O produto, contudo, é revelado só algum tempo depois, desencadeando as mais diversas reações.

¹⁴ O trabalho está disponível em: http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/41.pdf.

No caso do *sem esquinas*, a estratégia publicitária refletiu positivamente na inauguração. O site foi ao ar à meia-noite do dia 21 de abril, em referência ao momento em que a capital foi inaugurada, em cerimônia na Praça dos Três Poderes 53 anos antes, em 1960. Em vinte e quatro horas, a página teve 595 visualizações, número recorde comparativamente aos demais dias. Desse total, 277 visitantes chegaram ao blog por meio de redes sociais (Facebook e Twitter). O texto mais acessado, com 349 cliques só naquele dia, foi a crônica *Na esquina da 8 com a 9*, primeiro texto jornalístico postado no site.

6.1.2. Redes sociais e acessos

A disseminação do conteúdo do blog se deu, em especial, através de redes sociais. Com a criação de uma página no Facebook para apresentar o trabalho, o *sem esquinas* conquistou 110 adeptos ao site. Cada postagem atinge de 20 a 50 visualizações por meio da rede. Já o perfil no Twitter, por não ter tido o mesmo empenho de divulgação, conta com apenas dez seguidores.

Do dia 21 de abril, quando foi lançado, ao dia 1º de julho, o blog foi acessado 2.496 vezes, conforme apontam as estatísticas do Wordpress. A média diária de acessos é de 41 leitores. Até esta data, o blog possuía somente seis comentários na página, tendo maior repercussão no Facebook, com comentários e compartilhamento de textos na própria rede social. A maioria dos acessos foram feitos em território nacional (cerca de 90% do total), seguido dos Estados Unidos (1,5%) e de Portugal (0,5%).

Dentre as marcações e categorias mais populares, estão no topo as reportagens da editoria *plano sem piloto* e, logo depois, as crônicas da sessão *distrito monumental*. Os contos, contudo, concorrem com as crônicas em número de divulgação entre leitores via Facebook, atingindo a média de oito compartilhamentos por postagem, contra sete das crônicas – excetuando-se a primeira, compartilhada 70 vezes. O perfil *Do poder à doçura*, único postado até o período em questão – em acordo com o cronograma de postagens, que previa a elaboração de apenas um perfil por mês, dada a complexidade e demanda de tempo necessária à confecção de textos do gênero – teve, igualmente, oito compartilhamentos.

6.1.3. Colaboradores

O *sem esquinas* contou com a colaboração direta de oito voluntários, além do professor orientador. Especialistas da área de designer, de engenharia da computação, fotógrafos, jornalistas e artistas despenderam tempo e dedicação para que o blog se tornasse um projeto possível, com planejamento e coesão exatamente da forma como imaginei no princípio do trabalho. A ajuda na revisão e edição do material produzido, vinda de amigos e colegas da área da comunicação, também foi essencial para que os textos evoluíssem ao longo do processo.

A princípio, organizei as postagens de forma que cada um dos quatro gêneros textuais contasse com o complemento de recursos visuais ou audiovisuais. As crônicas entrariam sempre acompanhadas de fotografias artísticas da cidade, de acordo com o tema abordado. As reportagens viriam com músicas que lembrassem Brasília aos moradores entrevistados. Os perfis teriam caricaturas do perfilado; e os contos, ilustrações do casal ou da história. Veja o quadra abaixo, elaborado antes de o blog ir ao ar, com o cronograma de postagens, parte dos temas já predefinidos e os respectivos complementos (foto, música, ilustração e caricatura) para cada matéria:

Crônica		Reportagem		Conto/ Perfil	
21/4	Esquinas (baseado na expressão “Vai ver se eu estou na esquina”)	23/4	Praça dos Três Poderes	26/4	Moça do Maranhão que conheceu marido de Brasília por telefone
28/4	Entorno passa a ser região metropolitana de Brasília	30/4	Gente que mora em Brasília e não conhece a Esplanada	3/5	
5/5	Maldição Esplanada	7/5	Transporte público	10/5	Perfil Dona Sarah

12/5	Brasília Palace Hotel - 1º edifício da capital	14/5	Famílias de moradores de rua logo atrás do Congresso Nacional	17/5	Casal gay que se beijou pela primeira vez no Beijaço e depois se apaixonaram
19/5	Conjunto Nacional dividido em setor nobre e setor popular	21/5	Lago Sul x Paranoá (comparação entre estilo de vida)	24/5	
26/5	Núcleo Bandeirante (semelhanças com cidade interiorana)	28/5	Águas Lindas (descrição do lugar e rotina de morador)	31/5	Perfil do filho de um ministro
2/6	Cemitério Campo da Esperança	4/6	Feira dos Importados (vendedores)	7/6	
9/6	Torre de TV digital aos domingos	11/6	Setor Comercial Sul (vendedores de sinal)	14/6	Dia dos Namorados em Brasília
16/6	Em Brasília só tem playboy?	18/6	Jardim Botânico (variedade do Cerrado)	21/6	Perfil de uma prostituta
23/6	Festas juninas (influências regionais)	25/6	Serviço público (rotina de órgão)	28/6	
30/6	Gama segura (instalação de postos policiais)	2/7	Pequenos MCs Varjão	5/7	

7/7	Planaltina após 17h (falta de segurança)	9/7	Religiosidade (Vale do Amanhecer, LBV, drive- thru de oração na Asa Sul)	12/7	Perfil de um candango
14/7	Lago Paranoá	16/7	Escola classe (condições)		

Todavia, a escassa disponibilidade de tempo dos colaboradores tornou a proposta inviável. Assim, tentei ajustar, dentro do possível, as fotos cedidas com os textos elaborados. Como não havia condições de eu mesma fotografar a fim de ilustrar as matérias – por falta de tempo e de recursos físicos –, o apoio dos fotógrafos foi fundamental para aproximar o conteúdo do fazer jornalístico, que frequentemente utiliza-se de fotografias para alcançar conteúdo mais amplo e completo.

6.2. Apuração e escrita

À época da inauguração do *sem esquinas*, conforme visto acima, o cronograma de postagens, com os respectivos temas e datas, já estava completamente programado. Exceto pelos contos, cujas histórias eram mais flexíveis e a apuração foi feita de forma diferente em relação aos demais gêneros. Contudo, o planejamento prévio não foi seguido à risca até o fim do processo produtivo. Observe os temas abordados do dia de inauguração da página ao dia 30 de junho:

Crônica	Reportagem	Conto/ Perfil
21/4	23/4	26/4
<i>Na esquina da 8 com a 9: sobre as esquinas de Brasília</i>	<i>Praça em branco e cinza: sobre a Praça dos Três Poderes</i>	<i>Brasília aquecida: sobre encontros e desencontros</i>

28/4	Entorno <i>Gatas</i> <i>borralheiras:</i> entorno passa a ser região metropolitan a de Brasília	30/4	<i>Boteco de esquina:</i> morador do Núcleo Bandeirante, dono de um boteco	3/5	<i>Casa cheia:</i> amizade de cobradores de ônibus evolui para amor
5/5	<i>Chuva de gente:</i> seca e chuva e os prós e contras das estações	7/5	<i>Capital não imaginada:</i> rotina de moradora de Águas Lindas	10/5	<i>Por entre trilhos:</i> jovens gays vivem bons momentos no metrô de Brasília
12/5	<i>Vamos descer:</i> infância e juventude embaixo dos blocos da cidade	14/5	<i>Cidade de automóveis:</i> má qualidade do transporte público na capital do país	17/5	<i>Do poder à doçura:</i> perfil que conta a história da mais antiga servidora do Senado
19/5	<i>Mundos e submundos:</i> contraste social entre usuários de drogas no centro de Brasília	21/5	<i>Um shopping popular:</i> Cotidiano de pessoas que trabalham no shopping mais antigo da cidade	24/5	<i>Sugiro um café:</i> casal se reencontra para tentar novo começo após anos separados
26/5	<i>Comida típica:</i> tradicional lanchonete da cidade é ponto de encontro	28/5	<i>O maior do mundo:</i> dia a dia no Parque da Cidade, localizado no centro de Brasília	31/5	<i>Batida de banana:</i> troca de parceiros e confusões em um grupo de amigos

2/6	<i>Tempo de chuva:</i> chuva fora de época surpreende população	4/6	<i>O lixo do Congresso:</i> família de catadores de lixo vive em invasão próxima ao Congresso Nacional	7/6	<i>A dez mil pés:</i> amores antigos se esbarram nas vias e esquinas da capital
9/6	<i>Segredo revelado:</i> píer pouco visitado na beira do Lago Paranoá aparece em filme Faroeste Caboclo	11/6	<i>Quadras da morte:</i> peculiaridades do principal cemitério da cidade, na Asa Sul	14/6	<i>Salada para deputados:</i> perfil de casal mineiro que trabalha em túnel na Câmara dos Deputados
16/6	<i>Estádio do medo:</i> Manifestação popular e reação policial em dia de estréia da Copa das Confederações no estádio de Brasília	18/6	<i>Verde e amarelo:</i> Análise, propostas e possíveis resultados de manifestações na capital do país	21/6	<i>Caro Santo Antônio:</i> moça que não acredita no amor envia carta ao santo casamenteiro
23/6	<i>Capital do interior:</i> Brasília é uma metrópole, mas com jeito de cidade pequena	25/6	<i>Camelos na via:</i> rotina e dificuldades enfrentadas por de ciclistas na capital	28/6	<i>Não dá para imaginar:</i> jovens se conhecem em show na Esplanada e vivem longo romance

Diversas pautas mudaram frente ao surgimento de assuntos mais interessantes ou mais atuais. Afinal, o jornalismo trabalha com o novo, o peculiar e o recente. O jornalista, blogueiro e editor-chefe do jornal Correio Braziliense entre 1994 e 2002, Ricardo Noblat, na obra *A arte de fazer um jornal diário*, lembra que “a única coisa que um jornal não pode é deixar-se ficar para trás quando seus leitores avançam” (2008, p. 22). O blog assumiu certa flexibilidade para não perder o interesse do público.

A crônica *Tempo de chuva* é um exemplo disso, pois só foi escrita em decorrência das chuvas atípicas que aconteceram no fim de maio e começo de junho de 2013. O fato engloba valores-notícia fundamentais, ou seja, sem os quais o jornalismo não se sustenta, no caso, atualidade e proximidade (temporal ou psicológica). Além de conter valores-notícias temáticos, que abrem espaço para a elaboração da notícia e são de interesse do público.

De acordo com a classificação indicada no livro *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas* pela professora de comunicação social da Universidade de Brasília Thaís de Mendonça Jorge, a crônica aborda os valores-notícia temáticos de mistério e meio ambiente, já que o episódio das chuvas não tem explicação e trata-se de situação climática fora do comum.

Independente da pauta, porém, durante todo o tempo de elaboração do projeto, o desenvolvimento de textos e a produção do blog apoiaram-se em pesquisa e leitura bibliográfica. A leitura de obras de autores que escreveram sobre jornalismo literário, blog, perfil jornalístico, crônica, contos e sobre a cidade de Brasília orientou a criação do trabalho, indicando caminhos e sugerindo abordagens.

Além de livros e artigos acadêmicos, o acesso a sites e o acompanhamento de revistas com conteúdo semelhante ao proposto pelo *sem esquinas* colaborou para emoldurar o conteúdo do projeto. Em diversas situações, recorri às revistas Piauí e Meiaum, ambas com características literárias e hibridismo textual, para estimular a criatividade no momento de escrever.

Para fazer as crônicas, não só considerei impressões pessoais sobre ambientes e cenas, mas também busquei incentivo na obra de cronistas consagrados, como Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e da cronista de grande destaque quando se trata de Brasília, Conceição Freitas. Às reportagens, tentei

atribuir tons e análises baseadas na forma de escrita do jornalista inglês George Orwell ou do americano John Reed, por exemplo.

Nos perfis e até mesmo na descrição de personagens das reportagens literárias, procurei, nem sempre com sucesso, percorrer a mesma linha do escritor e jornalista americano Gay Talese, pioneiro do Novo Jornalismo, no perfil *Fama e anonimato*, que relata a rotina de Alden Whitman, então jornalista do jornal *The New York Times* responsável por escrever obituários. A primeira parte do perfil do jornalista americano Joseph Mitchell *O segredo de Joe Gould*, intitulada *O professor Gaivota*, serviu, igualmente, de alicerce para os textos do blog. O capítulo conta o dia a dia do velho boêmio de Nova Iorque Joe Gould e seu empenho em escrever um livro baseado em diálogos e histórias orais que escutou na rua.

Para a concepção dos contos, busquei influências literárias nos estilos de escrita das escritoras Clarice Lispector e Lia Luft, assim como nos livros e contos do escritor e jornalista colombiano Gabriel Garcia Márquez. No panorama contemporâneo, os textos do escritor e blogueiro Gabito Nunes foram elemento relevante como apoio para o processo criativo. Filmes e músicas também colaboraram com a evolução do projeto.

Na apuração jornalística, as diretrizes definidas para cada matéria sofreram influência, principalmente, do contato e aproximação com possíveis e prováveis personagens. Foram os entrevistados que definiram a abordagem dos diferentes temas tratados. Os relatos de moradores da cidade foram o principal material utilizado para a construção das reportagens, seguidos da observação por parte da repórter, a fim tornar o conteúdo mais descritivo e envolvente aos leitores.

A cada texto, a sistemática de produção ocorria de maneira simples, resumindo-se à elaboração de pautas, seguida da coleta de dados e escrita das reportagens. Para os quatro gêneros de texto, o alicerce da apuração foi a coletânea do máximo de informações possíveis, somada à imersão no cotidiano dos personagens e às entrevistas. Thaís de Mendonça Jorge explica que apurar é colher fatos, juntar o conjunto de dados disponíveis sobre determinado acontecimento e construir uma notícia. Para tanto, deve-se considerar as fases da apuração: observação, anotação e indexação, questionamento, organização dos apontamentos e, por fim, avaliação do que foi coletado e do que será, no processo de escrita, transformado em conteúdo jornalístico.

A diferença entre os textos se deu, portanto, na hora de escrever. Roland Barthes, escritor, filósofo e sociólogo francês, no livro *O grau zero da escrita*, afirma que a poesia é sempre diferente da prosa. Mas a diferença não está na essência, e sim na quantidade. Para o estudioso, a divergência ocorre a partir da dosagem das formas de fala que refletem ocasiões sociais. Tanto a prosa, apoiada na eloquência, quanto a poesia, estruturada em preciosismo, resultam em linguagem única, que expressa as categorias do espírito.

A poesia clássica era sentida apenas como uma variação ornamental da prosa, o fruto de uma *arte* (isto é, de uma técnica), e nunca como uma linguagem diferente ou como o produto de uma sensibilidade particular. Toda a poesia então não é mais do que a equação decorativa, alusiva ou carregada, de uma prosa virtual que subjaz em essência e em potência em qualquer modo de expressão. (BARTHES, 2006, p. 40)

Os textos do *sem esquinas* retratam esse contraste de dosagem na maneira de escrita apontado por Barthes. Em ordem crescente, reportagens, perfis, crônicas e contos do blog ganham formato e características que pendem mais e mais para o universo da literatura. Todavia, o conteúdo não deixa de repassar informações e dados relevantes que despertam interesse na sociedade, logo, os textos permanecem intrinsecamente conectados ao fazer jornalístico, independente de ser gênero essencialmente literário ou de pertencer usualmente ao jornalismo.

7. Considerações finais

Brasília tornou-se, em meio século, uma metrópole. A capital desenvolveu atribuições inerentes aos grandes centros urbanos, o que inclui aspectos bons e ruins asdo cotidiano de cidades. A rotina segue o mesmo padrão em qualquer lugar do mundo: os moradores levantam cedo, enfrentam horas de trânsito, empilham-se uns sobre os outros em ônibus e metrô lotados, gastam horas a fio em todo gênero de serviços a fim de sustentar casa e família, depois retornam ao ponto de origem, para dormir e começar de novo amanhã.

Aqui no cerrado não é diferente. Não quando se observa com superficialidade. Olhando com atenção, contudo, vê-se mais que um amontoado de gente. Enxergamos pessoas, individualmente. É verdade, isso acontece em qualquer canto, são os moradores que constroem, dia a dia, as cidades, a partir de histórias particulares que se cruzam e resultam em experiência conjunta. O singular no Distrito Federal e Entorno, é que brasileiros de todos os lugares e imigrantes de vários países se esbarram não em esquinas e quarteirões, mas nas retas e curvas que dão forma e fama à cidade. Juntos, conferem vida ao plano piloto de Lucio Costa.

Eu já desconfiava do potencial de brasilienses para se tornar matéria de jornal ou história de livro. O gosto pela escrita e pela leitura me fez desenvolver também habilidade para escutar relatos e observar situações. O que sempre me encantou no exercício diário de existir são as pessoas ao redor. Clarice Lispector no livro de crônicas *Aprendendo a viver*, disse: “Que prazer de os outros existirem e de a gente se encontrar nos outros. Eu me encontro nos outros”.

Trabalhar com jornalismo de cunho literário é aprimorar a paixão por vivências alheias. É colocar em prática pesquisas da antropologia e teorias da sociologia e transportar o leitor a novos mundos. O bom jornalismo, feito de gente, para além de dados ou de estatísticas, assim como a literatura com seus personagens, origina os mais fiéis retratos do real.

Criar e alimentar o blog *sem esquinas* me ensinou que é possível fazer jornalismo sem deixar que a pressa, enquanto característica inerente ao processo produtivo da notícia, e o compromisso de se escrever conteúdos objetivos omitam a humanidade dos indivíduos

envolvidos com os fatos. O site é produto do desejo de mostrar ao público as particularidades dos brasilienses e de apresentar os gostos e desgostos de existir em uma cidade que, apesar dos olhares tortos e das longas distâncias, aprendeu a superar a seca e hoje respira por conta própria.

Quem mais aprendeu sobre Brasília, porém, fui eu. A cada apuração, descobri novos ângulos e pontos de vista sobre a rotina dos habitantes. Ouvi os mais diversos relatos e lidei com sentimentos distintos, como tristeza, alegria, dificuldade e superação, a depender da experiência do entrevistado. Mas a grande aprendizagem do projeto diz respeito ao jornalismo. A possibilidade de misturar gêneros e colocar pessoas de carne e osso no texto me fez acreditar que o jornalismo ainda pode mudar o mundo. Nem que seja só um pouquinho. Só o mundo de quem lê a matéria por acaso e depois sorri, feliz. Ou então reflete, apreensivo. A escrita transformou para melhor meu universo inteiro. O jornalismo, em parceria com a literatura, é o meio que encontrei de passar isso adiante.

8. Referências bibliográficas

Livros

- AMANDA, Rosa (orgs.). *Treze dos melhores contos de amor da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- ANTÔNIO, João. *10 contos escolhidos*. Brasília: Horizonte, 1983.
- ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1986.
- ANTÔNIO, João. *Casa de loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. Tradução Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BEHR, Nicolas. *Brasilíada*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____ . *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2005.
- COSSON, Rildo. *Romance-reportagem: o gênero*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- DE OLIVEIRA, Joanyr. *Brasília na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1982.
- DIMAS, Antonio. *Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo?*, In: *Littera*. Rio de Janeiro: Grifo edições, 1974.
- DOS PASSOS, John. *Dinheiro graúdo*. Curitiba: Guaíra, s.d.
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5ª. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FORMIGA, Marccone (Coord.). *Entrevistas para a história*. Brasília: Dom Quixote, 1997.
- HEMINGWAY, Ernest. *Adeus às armas*. 14ª. Ed. São Paulo: Nacional, 1982.
- HERSEY, John. *Hiroshima*. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- JORGE, Thaís de Mendonça. *Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOTSCHO, Ricardo. *A prática da reportagem*. 4ª. ed. São Paulo: ABDR, 2007.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª. ed. São Paulo: Manole, 2008.
- MEDINA, Cremilda. *Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial*. 2ª. ed. São Paulo: Summus, 1988.
- MUNIZ, Sodrê; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.
- NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1958.
- LISPECTOR, Clarice. *Aprendendo a viver*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- MAGALHÃES, Fernanda. *Blog: Jornalismo Independente*. São Paulo: 2010.
- MÁRQUEZ, Gabriel García. *Notícia de um sequestro*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MOREIRA, Vânia Maria Losada. *Brasília: a construção da nacionalidade: um meio para muitos fins*. Vitória: EDUFES, 1998.
- ORWELL, George. *Na pior em Paris e Londres: a vida de miséria e vagabundagem de um jovem escritor no fim dos anos 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PINTO, Ana Estela de Sousa. *Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios*. São Paulo: Publifolha, 2009.
- REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin, 2010.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005.

SCHITTINE, Denise. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SHOUMATOFF, Alex. *A capital da esperança*. Tradução Aulide Soares. Rio de Janeiro: Anima, 1986.

SILVA, Ernesto. *História de Brasília*. 3. ed. Brasília: Linha Gráfica, 1997.

TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEINGARTEN, Marc. *A turma que não escrevia direito*. Wolfe, Thompson, Didion e a revolução do Novo Jornalismo. Tradução Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Artigos

PENA, Felipe. *O jornalismo literário como gênero e conceito*. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2006.

Teses

ALBERNAZ, Patrícia da Cunha. *Curta Brasília: a imagem da cidade no olhar do cinema e sua relação com o turismo*. Brasília: Dissertação (Mestrado) UnB, 2009.

JUNQUEIRA, Virgínia. *A cidade e seus artistas: O Grupo Cabeças na cena brasiliense entre 1978 e 1987*. In: *Em tempo de histórias*. Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, Faculdade de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

PANIAGO, Paulo. *Um retrato interior – O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade*. 104 f. Dissertação (Doutorado em Comunicação – Área de Jornalismo e Sociedade) Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

PUZZO, Miriam Bauab. *Reportagem e conto: um diálogo possível*. Disponível em: <<http://www.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/RevistaMiscelanea/v8/miriam.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2013, 20:40.

Reportagens e textos

FAGUNDES, Mariana. *Brasília aquecida*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/04/26/brasil-ia-quecida/>>

FAGUNDES, Mariana. *Boteco de Esquina*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/04/30/boteco-de-esquina/>>

FAGUNDES, Mariana. *Capital não imaginada*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/07/capital-nao-imaginada/>>

FAGUNDES, Mariana. *Cidade de automóveis*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/14/cidade-de-automoveis/>>

FAGUNDES, Mariana. *Chuva de gente*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/05/chuva-de-gente/>>

FAGUNDES, Mariana. *Do poder à doçura*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/17/do-poder-a-docura/>>

FAGUNDES, Mariana. *Gatas borralheiras*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/04/28/gatas-borralheiras-do-cerrado/>>

FAGUNDES, Mariana. *Na esquina da 8 com a 9*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/04/21/vai-ver-se-estou-na-esquina-da-408-com-a-9>>

FAGUNDES, Mariana. *Praça em preto e branco*. Disponível em:

<<http://semesquinas.wordpress.com/2013/04/23/praca-em-branco-e-cinza/>>

FAGUNDES, Mariana. *Tempo de chuva*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/06/02/tempo-de-chuva/>>

FAGUNDES, Mariana. *Um shopping popular*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/21/380/>>

FAGUNDES, Mariana. *Vamos descer*. Disponível em:

< <http://semesquinas.wordpress.com/2013/05/12/vamos-descer/>>

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A construção de Brasília*. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Brasilia/Construcao>>. Acesso em: 9 jan. 2013, 14:20.

Filmes

Le fabuleux destin d'Amélie Poulain [O fabuloso destino de Amélie Poulain]. França, 2001. Direção de Jean-Pierre Jeunet. Com Audrey Tautou, Jamel Debbouze, Mathieu Kassovitz. 122 min.

New York, I love you [Nova York, te amo]. EUA, 2009. Direção de Allen Hughes, Brett Ratner, Fatih Akin, Joshua Marston, Mira Nair, Natalie Portman, Randall Balsmeyer, Shekhar Kapur, Shunji Iwai, Jiang Wen e Yvan Attal. Com Hayden Christensen, Natalie Portman, Rache, Bilson. 110 min.

Paris, je t'aime [Paris, eu te amo]. França, 2006. Direção de Alexander Payne, Alfonso Cuarón, Bruno Podalydès, Christopher Doyle, Daniela Thomas, Emmanuel Benbihy, Frédéric Auburtin, Gurinder Chadha, Gus Van Sant, Isabel Coixet, Gérard Depardieu, Nobuhiro Suwa, Olivier Assayas, Oliver Schmitz, Richard LaGravenese, Sylvain Chomet, Tom Tykwer, Vincenzo Natali, Ethan Coen, Joel Coen, Walter Salles e Wes Craven. Com Gérard Depardieu, Juliette Binoche, Natalie Portman. 116 min.

Músicas

MONTENEGRO, Oswaldo. *Léo e Bia*. In: MONTENEGRO, Oswaldo. *Léo e Bia* 1973. Rio de Janeiro: Jam Music, 2005. CD. Faixa 1.

RUSSO, Renato. *Eduardo e Mônica*. In: RENATO, Russo. *Dois*. Rio de Janeiro: EMI, 1986. CD. Lado A, faixa 4.

RUSSO, Renato. *Faroeste Caboclo*. In: RENATO, Russo. *Que País É Este*. Rio de Janeiro: EMI, 1987. CD. Faixa 7.

9. Anexos

Anexo 1

Título: *Na esquina da 8 com a 9*

Gênero: Crônica

Data: 21/4

Lucio Costa que me perdoe, mas gosto das esquinas. Eu e muitas mais dessas gentes que aqui em Brasília não se cruzam em nenhuma delas. Dizem que esquina é ponto de encontro. A poesia das cidades projetadas pelo caos – as outras, não Brasília – coloca moradores em encruzilhadas a cada esquina. De repente, lá está você, diante da dúvida, beirando o desconhecido. São quatro opções: seguir em frente, voltar, virar à esquerda ou escolher a direita. Você vai, inevitavelmente, fazer de uma delas o novo rumo. Pausa. Reflexão. A esquina pode ser uma emboscada.

Nasci em Jaguari (RS), uma cidade com quadras quadradas – não superquadras – e, quando criança, não podia atravessar a rua sozinha. Restava, portanto, contornar o percurso entre as casas e o meio-fio, de esquina a esquina. Eu passava domingos inteiros dando voltas. Ao chegar em uma esquina, percebia que não estava indo a lugar algum. Então, existir parecia mais palpável. Afinal, poucas vezes, ao longo das incontáveis ruas pelas quais arrasto minhas andanças, sei para onde estou indo.

Talvez esteja aí a encantadora antítese a qual Lucio convida todos os dias. As andanças da gente de Brasília vão em constante linha reta vias adentro. De quando em quando, rodopiam uma tesourinha ou um balão. Depois continuam. Sempre em frente. Já viu isso? Uma cidade que te convida a ir, sem olhar para trás, sem pensar muito no que não será porque você não virou para o outro lado.

Brasília é uma alusão concreta à vida. Quem mora aqui anda para a frente porque a vida é assim e porque é assim que a cidade é. Se, no meio do caminho, alguém resolve parar na faixa de pedestre da rodoviária do Plano Piloto ou na ponta de uma comercial, eis que não

são quatro escolhas. É um céu de Brasília inteiro de possibilidades. Você pode ir não só para trás, para frente ou para os lados, pode ir em diagonal, em zigue-zague, por aquele caminho que ainda ninguém foi.

Para morar no umbigo do Planalto Central, é preciso ser criativo e inventar encontros para além de esbarrões entre carros e cimento. A gente pode se ver embaixo do bloco, usufruir da vastidão de colunas dos pilotis e se enxergar de longe, de uma ponta a outra da superquadra, dá para se topar na comercial ou na W3 e se perder no labirinto de curvas dos jardins de cerrado espalhados, sem pudor, em todo lugar.

Além do mais, se você fizer questão de esquinas, basta sair do Plano Piloto. Brasília transborda as margens do avião e invade o horizonte em mais de trinta regiões administrativas. Em dias úteis, no centro de Taguatinga, pessoas cortam esquinas apressadas e se perdem na multidão. Na Candangolândia, as esquinas são ponto comercial para vendedores ambulantes e casa para mendigos. Em uma ou outra esquina de Ceilândia, no fim da tarde, moradores se reúnem para jogar papo fora e assistir de camarote a vida passar.

Para quem não conhece Brasília – ou conhece com os olhos e não com a alma – e a acusa de fria, contesto: ela foi planejada para acolher, de asas bem abertas, a qualquer um. E acolhe. Você, forasteiro, também é bem-vindo. Já você, caro brasiliense – de nascença ou de coração –, ao receber visitantes de fora e se deparar com reclamações e resmungos sobre a cidade, não perca a paciência. Há argumentos traçados contra críticas em todo canto e em cada eixo eles saltam aos olhos. Mas, se quiser se livrar logo do sujeito, apenas indique que ele vá ver se você está na esquina, sei lá, da 408 com a 9. No fim das contas, gostem ou não, vidas seguirão se cruzando nos esboços das esquinas que Brasília não tem.

Anexo 2

Título: *Praça em preto e branco*

Gênero: Reportagem

Data: 23/4

A turma se aglomera ao redor do professor. Enquanto ouvem a explicação, as mais de trinta cabeças se voltam para cá e para lá, analisando o cartão de visitas da cidade. É uma praça diferente. Por ali, nada de gramado ou terra. O chão é só concreto. No lugar da vegetação, monumentos e esculturas.

Eles estão na Praça dos Três Poderes, rodeados pelo Palácio do Planalto, pelo edifício do Congresso Nacional (onde ficam a Câmara dos Deputados e o Senado Federal) e pelo Supremo Tribunal Federal. São as sedes dos três poderes da república. Executivo, legislativo e judiciário.

Os jovens cursam o terceiro semestre da faculdade de arquitetura e vieram de longe para estudar a obra de Lucio Costa. São alunos da Escola da Cidade, instituição de São Paulo especializada em arquitetura e urbanismo. Vitor Pissaia, membro do grupo, afirma que, em termos de conteúdo, nem é preciso explicar o por quê da escolha de vir até a capital. Para arquitetos, Brasília tem muito a se explorar.

Não é a primeira visita de Vitor à cidade, ele já veio várias vezes antes. Mas ainda não desvendou Brasília. “É uma cidade super complexa de entender”, alega. “Acho curioso que aqui tem a cidade monumental, que é este eixo” – traça com o indicador direito uma linha vertical em direção ao Congresso Nacional – “e tem também o eixo horizontal, que é a cidade mais humanizada”.

Nem todos que vem de longe, porém, vem a passeio. No Centro de Informações ao Turista, uma sala no subsolo da praça, o dinamarquês e guia turístico Gunnar Mainieri recebe visitantes. Ele relata que uma média de 15 a 20 turistas procuram o serviço de informação diariamente. Aos fins de semana, o número aumenta, são mais de 30. No primeiro sábado de abril, por exemplo, 60 turistas passaram pelo centro.

Morador de Brasília há quase 10 anos, Mainieri não morre de amores pela cidade. Ele veio para cá por causa da esposa, que, além de brasiliense de nascença, é amante da capital. Mas a adaptação ao Planalto não foi fácil, nem rápida. Para começar, foram de três a quatro anos só para aprender português. “Ninguém falava inglês, então eu dependia da minha esposa para tudo”, recorda.

Foi necessário driblar também a indisposição das pessoas e a falta de respeito dos brasilienses. Somados ao custo de vida, que está entre os mais caros do país. Todavia, com o tempo, ele se acostumou ao ritmo de vida candango. Já fluente no português, deixa escapar um elogio à capital: “O céu de Brasília é o mais bonito do mundo”.

Do lado de fora, perto da cabeça de Juscelino Kubitschek (JK) – escultura de pedra sabão em homenagem ao presidente mentor da capital –, aloja-se a vendedora ambulante Alice Ferreira de Brito, com seu carrinho repleto de miniaturas de obras da cidade, chaveiros, camisetas e canetas. Vez ou outra, ela estica o pescoço para a pista, para se certificar de que não há alguma van de fiscalização por perto ou cruzando a rua. O medo de ser pego é uma constante na rotina de trabalhadores ambulantes.

Natural de Pirenópolis (GO), Alice mudou-se para Brasília há 15 anos, após enfrentar doloroso processo de separação. Trabalhou, a princípio como vendedora autônoma de produtos alimentícios, até sofrer um acidente que a desestruturou física e psicologicamente. Há cinco anos, passou a vender *souvenirs* e água mineral na Praça dos Três Poderes. Apesar das dificuldades, ela garante que não moraria em outro lugar. “Não sei te explicar, mas eu gosto de tudo aqui”.

Alice não é a única a declarar afeto pela cidade. A carioca Roberta Dutra, que assim como outra meia dúzia de pessoas para diante do carrinho da ambulante para comprar uma lembrança da capital, conta que chegou do Rio naquela manhã apenas para participar de uma prova de seleção para concurso público. Em questão de horas, apaixonou-se por Brasília. Na próxima visita, quer voltar para ficar.

Quando as luzes começam a se acender, Alice e um colega recolhem seus produtos. Vitor e a turma de arquitetura ainda passeiam de um monumento a outro. Vão ficar mais um instante, para observar o jogo de luzes a se projetar nas colunas dos palácios. Novas levas de

visitantes se aproximam para um turismo noturno. A praça segue imponente, noite e dia, feita de gente e vazios. E precisa mais do que isso?

Anexo 3

Título: *Brasília aquecida*

Gênero: Conto

Data: 26/4

Lucas manobrou suavemente, fazendo a curva para sair do parque da cidade e entrar no Eixo Monumental. Pensou em Gabriela. Pelo retrovisor, viu as luzes do Nicolândia piscarem descompassadas. Achava curioso como, em Brasília, algumas histórias de amor giram uma circunferência inteira, feito o horizonte que abraça a cidade. Vão tão cheias de si quanto um brinquedo em rotação no parque de diversões. Mas não saem do lugar.

Se envolver com Gabi foi uma experiência próxima a subir no barco viking. Ele nem se lembrou do pavor que tem de altura e sentou, ousado, no primeiro banco. Você sabe como funcionam brinquedos radicais e paixões, certo? Rodeiam infinitas voltas, tiram tudo do lugar dentro do sujeito que se arrisca na aventura. Embrulham ideias, estômago e coração. Depois sacodem bem, até dar enjoo. Medo. Frio na barriga. Vontade de parar. Vontade de continuar. Então desaceleram devagar. Uns descem, outros sobem. Tudo recomeça.

Lucas tentou reconstruir mentalmente os destroços de frases da última ligação: “Olha, eu quis me afastar para tentar entender tudo que estava acontecendo. Mas meti os pés pelas mãos. No fim, descobri que sou assim mesmo: confusa. Prefiro minhas confusões com você. Pode ser?”, disse Gabi, de uma vez, sem tropeçar em uma só sílaba – devia ter ensaiado bastante em frente ao espelho. Meio que não podia mais ser, explicou o rapaz, receoso. Ele já tinha dado passe-livre para outra pessoa subir na roda-gigante.

E como assim ela queria entender o que estava acontecendo? Ora, o que aconteceu foi que, um dia, após o maior entra e sai de todo gênero de conhecidos e desconhecidos na montanha-russa, eles resolveram subir no brinquedo juntos, só os dois. Bem se sabe que

adrenalina vicia e na sequência de meses que veio com os demais dias, eles passaram o tempo inteiro querendo novas doses de emoção.

Brasília foi se acostumando a esbarrar com as mãos de Gabi e Lucas entrelaçadas pelas ruas do Cruzeiro. O bloco dele já sabia que ela era visita marcada, todas as noites. Quando a garota não aparecia, no apartamento, o interfone silenciava para não incomodar a tristeza de Lucas. A Epia se habituou a vê-los cruzando a pista em alta velocidade, vestindo largos sorrisos, ao som da música que sempre fazia Gabi lembrar-se dele. Os copos do Beirute e os ouvidos do moço da banca de cachorro quente foram conhecendo, aos poucos, cada desvio do amor dos dois. Uma manhã, Gabi jamais esqueceria, o sol veio, distraído, iluminar as bandas do Memorial JK e os surpreendeu aos beijos, na Praça do Cruzeiro.

Passados todos esses acontecimentos, ocorreu que Gabi achou melhor por um fim na história. Sim e não, respondeu Lucas, por não ter guardada nos bolsos resposta mais objetiva para questões amorosas. Ele propôs diminuir o ritmo. Ela queria descer dali, não aguentava mais sentir tudo girando. E desceu mesmo. Andou sem rumo pela cidade. Perguntou à Esplanada, ao Paranoá e até para a universidade como, entre linhas milimetricamente calculadas e projetos cuidadosamente erguidos de esboços de Niemeyer, surgem sentimentos mais tortos que a rasteira vegetação do cerrado.

Quantos amores mal arquitetados cabem na cidade planejada?

Silêncio.

Naquela noite de sexta-feira, Gabi aguardava, na faixa de pedestre em frente à torre de TV, o semáforo sinalizar em verde. Olhou para o Congresso Nacional por rotina e, não por razão diferente, pensou em Lucas. Ele estava em cada lugar que ela olhava, talvez, por não sair de seus pensamentos.

Diante do sinal vermelho, Lucas descansou a marcha do carro em ponto-morto e abaixou a cabeça para procurar, no porta-luvas, o CD com a música que o faz recordar, invariavelmente, que, Gabi lembra-se dele ao escutá-la. Não a viu atravessar a rua. Tampouco, ela o notou, ao caminhar apressada diante dos veículos ansiosos para acelerar em direção ao fim de semana.

Eles seguiram com as vidas, perpendicularmente. Não se encontraram naquela noite, nem em outras.

Quem diz que Brasília é fria, com certeza não faz ideia de que a cidade se aquece, nas madrugadas desérticas, de incontáveis histórias como a de Lucas e Gabriela, que vem e vão e giram e reviram. Depois se apagam, tal qual as luzes do Nicolândia em fim de expediente.

Anexo 4

Título: *Gatas borralheiras*

Gênero: Crônica

Data: 28/4

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2.648.532 pessoas instalaram suas existências aqui, neste território demarcado por forma geométrica precisa, conhecido por Distrito Federal (DF). Passageiros acomodam as cabeças nas asas do Plano Piloto toda noite. Dormem tranquilos. Nem sonham com tudo que se passa pelo Entorno.

É bastante provável que os moradores de Sobradinho, do Lago Norte e do Guará também não. Aposto que dá para contar nos dedos das mãos da Catedral – que se escancaram aos céus, decerto em prece pelos homens do planalto central – quantas dessas pessoas saberia listar, nome por nome, as mais de vinte cidades da região metropolitana do DF. Você sabe? Eu não, confesso.

São elas: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa, Unai, Buritis e Cabeceira Grande. Algumas são terra de ninguém, e problema de todos.

Brasília se reprojeta às avessas no abandono de uma população que não é, assumidamente, responsabilidade nem do Governo de Goiás – território do qual fazem parte –, nem do

Governo do Distrito Federal (GDF), sendo a capital o motivo pelo qual existem. Um invisível contorno – que qualquer um enxerga – circunda o quadrado idealizado por JK e repele, uma por uma, as cidades que, de longe, desejam ter as oportunidades de quem vive do lado de cá.

O Lago Sul exhibe a melhor qualidade de vida do mundo com orgulho, o Colorado e o Octogonal enchem o peito para se gabar da segurança de seus condomínios fechados e o Sudoeste se envaidece com vastos e verdes jardins. Ninguém lembra – ou gosta de lembrar – que, para além das bordas, escondem e acobertam, em consentimento conjunto, a desigualdade mais latente do país.

Mas, para grande parte dos moradores das cidades a armo, as portas do paraíso de Niemeyer se abrem uma vez ao dia, na hora de trabalhar. Eles vêm em carruagens caindo aos pedaços, esmagados uns contra os outros, submetidos a condições desumanas, em viagens que duram horas. São as gatas borralheiras do cerrado entrando no baile de galas da classe média-alta brasileira.

Empenham-se no serviço tanto quanto os camundongos que ajudam Cinderela: limpam casas, cuidam das crianças, atendem em lojas e supermercados, varrem ruas, cortam cabelos de madames, aparam barba de gente importante, costuram vestidos e lustram sapatos. Deixam o castelo nos trinques para que contos de fadas se realizem para outros, nunca para eles. Ao entardecer, correm para suas tocas, antes que os ônibus virem abóbora e voltar para casa fique perigoso demais.

O engraçado é que fazem isso tudo sem reclamar. Talvez nem desconfiem que o mundo não precisa ser assim, justo com uns e injusto com todo o resto. Devem pensar que é a vida.

Para cá das paredes da capital encantada, poucos se importam com essa gente. Tem até quem não perceba que eles são gente de verdade. A não ser quando meia dúzia resolve se rebelar incendiando ônibus e acabam por deixar ocupadíssimas mães brasileiras sem babás para tomar conta dos meninos. Ou quando o carro de um conhecido é furtado e, dias depois, encontrado aos destroços nos arredores de Luziânia. Ao ser colocado a par do ocorrido, o pai de família, após oito horas de trabalho digno, resmunga: “Isso é coisa de vagabundo que não quer nada com nada”.

Não, meu senhor, isso é reflexo da cruel prática de atrair para a capital da esperança uma multidão de sonhadores e desfilar diante deles realizações alheias que, possivelmente, nem eles, nem os filhos, nem mesmo os netos poderão alcançar, se você mantiver essa mentalidade, meu senhor.

Gosto de acreditar em mudanças. Em outubro do ano passado, por exemplo, o GDF decidiu fazer uma: mudou o nome da antiga Secretaria do Estado do Entorno para Secretaria de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Distrito Federal. A intenção é estreitar laços com os municípios às bordas do DF e ampliar ações e investimentos no local. Quem sabe essa Brasília multiplicada para lá da precisão simétrica também tem direito a final feliz. Ou, ao menos, deve ter a chance de sair da margem e fazer parte da história.

Anexo 5

Título: *Boteco de Esquina*

Gênero: Reportagem

Data: 30/4

O Núcleo Bandeirante, região administrativa (RA) do Distrito Federal, fica a uma distância de 20 quilômetros da Esplanada dos Ministérios. Ele é parte de Brasília desde antes da cidade existir. Foi a primeira ocupação dos candangos, que chegaram em 1956 para construir a capital. A região administrativa de número oito – ou RA 8, como também é conhecido –, assim como a maioria das RAs do DF, tem estrutura de cidade, exceto pela inexistência de prefeito. Mas, diferente de outras, parece uma cidade interiorana. Os mais de 35 mil moradores se conhecem por nome, garante um deles. No meio da tarde, em dias úteis, a maioria circula, a pé ou de carro, por entre pontos comerciais. Uns a trabalho, outros a passeio.

A Terceira Avenida do Núcleo Bandeirante, paralela à Avenida Central, ultrapassa, igualmente, os 53 anos de Brasília. Ela corta a RA quase de ponta a ponta e, neste trajeto, abriga sítios importantes da rotina local, como a Praça Padre Roque, praça central do Núcleo, e a sede da Administração Regional. Além de lojas, salões de beleza, farmácias,

restaurantes e uma espécie de mercado público, a avenida possui bares. São dez, no total. O Bar do Willames é um deles. A peça – alugada há 23 anos pelo dono do estabelecimento, que dá nome à loja – fica em uma esquina.

A instalação é dividida entre a área de circulação dos clientes, o balcão, a cozinha e um pequeno corredor, ao fundo, com duas portas na lateral e uma placa em cada: “ele” e “ela”, indicando banheiros. Na parede, 66 engradados empilhados de maneira desorganizada sugerem a grande quantidade de bebidas consumida. A média diária de garrafas de cerveja são 150, segundo o proprietário. Mas as preferidas mesmo são as bebidas quentes. Em especial, a cachaça, cuja venda extrapola 200 doses todos os dias.

O comércio do Bar do Willames, contudo, não se restringe a venda de produtos líquidos. São oferecidos também itens comestíveis. Próximo à segunda entrada – sem ser a principal –, um quadro branco e grande avisa que ali se oferece marmita. O preço é R\$ 8,00 por pessoa. Cerca de 90 fregueses – às vezes 80, outras, 120, conforme descreve o dono do lugar – sentam-se nas mesas do estabelecimento rotineiramente para realizar a refeição do meio-dia. Só até às 14h. Depois disso, o bar torna a ser, essencialmente, um boteco de esquina.

Os clientes são quase sempre os mesmos e Willames não sabe precisar a quantidade. Principalmente, entre 18h e 19h, horário de maior movimento. Quando o relógio na parede que divide o balcão da cozinha une os dois ponteiros um sobre o outro apontando precisamente para baixo, copos de pinga, uísque e vodca são enchidos e esvaziados com tanta rapidez, que é preciso lavá-los de duas ou três vezes neste espaço de hora.

José Willames é um homem de 50 anos. A volumosa barriga acomoda-se por debaixo da camisa pólo. Por entre o cabelo castanho-escuro, alguns fios brancos se destacam. Na barba grossa e recentemente aparada, não é diferente. As bochechas se esticam, com frequência, para acompanhar a movimentação fácil que se abre em sorrisos amigáveis.

Ele veio para Brasília estudar, em fevereiro de 1980, ainda na adolescência. É o décimo irmão de uma família de 16 filhos do interior do Maranhão. Veio para a capital porque parte dos irmãos já moravam aqui. Aos 26 anos, em uma festa no Gama, apaixonou-se por uma moça chamada Joana que o ajudou a escapar de uma briga. Casaram-se. Hoje, moram no Guará e têm dois filhos: Luana, de 21 anos, e Artur, com 8.

Willames acha que o melhor lugar para se morar é Brasília. “Tem mais dinheiro que no resto do país”, explica. Com o lucro do bar, ele paga as contas de casa e, todo fim de ano, viaja com a família. Em dezembro, ele tira 20 dias de férias, invariavelmente. Nesse período, quem assume o bar é Wandilson Ferreira Lima, funcionário fiel da casa há mais de duas décadas. O garçom trabalha para Willames desde os 14 anos, das 10h da manhã a meia-noite. “Se eu fosse cobrar dele 10 centavos por cada copo lavado, estava rico”, brinca.

Wandilson se reveza entre atender os clientes nas doze mesas espalhadas desde o interior da loja até a calçada e buscar bebidas ou, de quando em quando, lavar copos. Willames, por sua vez, passa a maior parte do tempo atrás do balcão. Sobre esse, encontram-se meio limão cortado, cinco garrafas de cerveja, duas garrafas de uísque preenchidas com pimenta até o topo e um jornal, mostrando em letras verdes e garrafais a sessão de esportes.

O leitor do periódico é Luiz José Prata, um mineiro de 71 anos que, há quatro ou cinco, senta-se todos os dias no balcão de Willames para resolver palavras cruzadas. Ele veio para Brasília em 1975, logo após o carnaval daquele ano. “Me fiz aqui”, relata, ao esclarecer que construiu a vida na capital. Acostumou-se ao cerrado de tal maneira que não gosta mais da terra natal. Assim como o dono do bar e os candangos do Núcleo Bandeirante, Luiz chegou ao planalto para tentar a sorte. E ficou. “Fui muito bem recebido”, conta. Em seguida, sorri um sorriso agradecido de quem deve histórias de uma vida inteira à cidade.

Anexo 6

Título: *Chuva de gente*

Gênero: Crônica

Data: 5/5

A segunda temporada mais esperada do ano brasiliense, enfim, deu o ar – por hora, ainda úmido – da graça. Com um mês de atraso, a seca veio para ficar por meio ano de paineiras e ipês floridos. A temporada favorita, porém, ao que indicam clamores no fim de agosto, deve ser a da chuva. Morar no planalto central é, na verdade, um dilema constante: o brasiliense nunca sabe o tamanho do afeto – ou desafeto – que sente pelas duas únicas estações.

Ninguém gosta de chegar ao trabalho com sapatos ensopados, nem das tesourinhas alagadas, muito menos, do trânsito parado – o que, para acontecer, não exige grandes temporais, basta qualquer chuvisco. Em dezembro e janeiro o aguaceiro é amaldiçoado sem distinção entre endereços enumerados ou nomeados por cada canto do quadrado goiano. Ao fim de março, não há quem não sonhe com o sol de rachar. Mas pele ressecada, calor desértico e umidade tendendo a zero não deixam outra opção senão torcer pelo fim de setembro, o quanto antes, para nenhum cidadão morrer desidratado.

É custoso para quem vive na capital definir qual época é melhor – ou, numa perspectiva negativa, pior. Eu, particularmente, defendo a seca. Não é apenas porque tempo nublado não me agrada nada à vista. O argumento extrapola bastante as nuvens carregadas. Para ser feliz, é preciso mais que um céu azul. Felicidade, em centros urbanos, tem a ver com todo mundo se sentir bem. E, para que o conjunto de moradores fique bem, em sincronia, é essencial que se ofereça as mesmas oportunidades para todos. Brasília tem inúmeros defeitos e o maior deles é a desigualdade social que grita aos olhos, ouvidos e coração – dos que possuem um. Na seca, porém, é mais fácil ser igual.

A gente se iguala desde os mínimos detalhes. Quem está na parada de ônibus, por exemplo, não corre risco de ser encharcado pelo motorista de carro desatento ou insolente que acerta em cheio a poça d'água e, não havendo como chegar molhado no trabalho, as variações de mau-humor diminuem. Além disso, a estiagem não escolhe bairro, cor ou credo, qualquer um – more na Estrutural ou no Sudoeste – se incomoda com o ar pesado e a dificuldade para respirar.

O bom mesmo é que não há necessidade de ficar em casa em um domingo a tarde só porque está caindo um pé-d'água e não tem metrô perto de casa ou o zebriinha vai demorar a passar. Não importa tanto assim se o cinema está caro e o teatro, longe. O espetáculo da seca é de graça e o indivíduo só precisa colocar o pé na rua. Às vezes, até assistir da janela já arranca sorrisos. O dia nos invade, sem rodeios, e convoca à vida.

Quem não gosta de Brasília e enche a boca para falar mal, com certeza, é forasteiro e não visitou a cidade nesta altura do ano. Se for daqui, é um sujeito insensível, só pode. Como não se encantar com a vegetação pomposa, exibindo o colorido pós-dilúvio para o mar sobre nossas cabeças e o verde cerrado, irrigado há pouco, no chão? O sol renasce no planalto para

iluminar toda essa gente calanga, que sai por aí a se esticar em parques e praças. Clubes se enchem, quintais fazem festas e piqueniques estendem toalhas, sem previsão de tempo ruim.

É melhor habitar Brasília do lado de fora, em vias, gramados e eixos. O Paranoá vira praia para os brasilienses mergulharem com vontade na estação. Eu mesma fui prestigiar sua chegada em um pôr-do-sol na Ermida. Enquanto famílias esticavam cangas na beira do lago, namorados se aninhavam em abraços debaixo de árvores e crianças corriam – dedicando-se a gastar energias acumuladas há tempos –, a luz refletia na água numa exibição majestosa, à semelhança das que se vê em filmes.

Ao cair da noite, o festival de cores no céu se mostra em tons de rosa, laranja e vermelho. Arrisco afirmar que mesmo os mais ressentidos com a capital não resistem ao seu entardecer. Assim como brasilienses não resistem à seca. Ela torna os moradores parte da paisagem e faz Brasília parecer cidade como as outras, com mais pessoas nas calçadas – ou variações do gênero – do que nos carros.

Mas é possível que quando o fogo das queimadas passar a consumir o cerrado e o verde virar marrom, eu implore pelo insuportável som das cigarras. A dualidade do clima é inerente à rotina da cidade e as reclamações de quem vive aqui também. Por hora, no entanto, transformem os guarda-chuvas em guarda-sóis e vamos aos eixos, porque Brasília seca de água para se encher de gente.

Anexo 7

Título: *Capital não imaginada*

Gênero: Reportagem

Data: 7/5

Às 4h20 da manhã de dias úteis, na quadra 96 de Águas Lindas (GO), o celular de Daniele desperta, ao som de um animado forró. Ela levanta em um pulo e se arruma em dez minutos. Isso, quando não dorme já de calça jeans e meias, quase pronta para sair. Não pode perder o

ônibus, que passa às 4h40, para Águas Claras. O próximo, é só às 6h e, devido ao trânsito, demora três horas para chegar. Apesar do pouco tempo que tem, não deixa de tomar um café da manhã reforçado. Mistura biscoito com manteiga e farinha, pão e café na mesma vasilha e come tudo, que é para não ter fome de novo tão cedo.

Daniele Silva Rocha é uma moça de 24 anos, de baixa estatura, cabelos escuros e encaracolados, sorriso espontâneo e leve grau de estrabismo só no olho esquerdo. Natural de Parnaíba, segundo município mais populoso do Piauí – perde apenas para a capital, Teresina –, ela trocou o litoral pelo cerrado em 2007. O marido, Raimundo, foi quem teve a ideia de arriscar a vida na cidade grande. A viagem de ônibus durou três dias, com breves paradas para refeições. Luzia, única filha do casal – à época, com um ano de idade –, comportou-se como uma adulta ao longo do percurso. Não deu trabalho algum. Numa noite fria de julho, a família desembarcou na capital, encarangados dentro de leves trajés praianos.

Desceram em uma Brasília diferente da que os turistas ou mesmo os brasilienses imaginam. Até hoje, nenhum dos três conhece a Esplanada dos Ministérios. Daniele não sabe qual a utilidade daqueles prédios todos. Só viu como é pelo jornal e pela televisão. Pensava que serviam apenas como itens decorativos, mas, ao descobrir que é o local de trabalho de políticos, concluiu que, caso fosse visitar, encontraria a Dilma e homens engravatados, além de copeiras e secretárias – porque, no meio de gente esnobe do Plano Piloto, tem que ter quem limpe a sujeira que eles fazem, explica.

Nos primeiros anos, a família morou em Ceilândia, numa espécie de barraco nos fundos da casa de parentes. Depois, decidiram financiar uma casa em Águas Lindas. Verde por fora e cor de goiaba por dentro, descreve a jovem. Com sala, cozinha, dois quartos, um banheiro, área de serviço e varanda. A cerâmica é branca e, nos fins de semana, Daniele trata de deixá-la reluzindo. De segunda à sexta, ela cuida da casa de outras pessoas. Em um bairro de classe média-alta de Brasília, pai, mãe, duas filhas e um cachorro a aguardam para manter a ordem do lar.

Ela é empregada doméstica. Também já foi diarista, babá e faxineira em obras. Trabalha desde que Luzia completou quatro anos de idade, em 2010. Não queria mais depender de Raimundinho, como chama o marido, para comprar o que gosta. E ela gosta de comprar

quase tudo o que vê. Se enxerga um sapato bonito na vitrine, não pensa duas vezes, nem pergunta o preço, só fecha o negócio. Raimundinho não fica nada contente, reclama que a mulher gasta demais e não sabe nem com o que.

A relação deles não é das melhores. Daniele tinha 12 anos quando o conheceu e garante que foi amor à primeira vista. Nunca teve outro namorado, sequer beijou outro rapaz. No início, era uma maravilha. Ele era atencioso e até a levava para forró, relata a moça, que adora dançar. Após o nascimento da filha, porém, Raimundo mudou. É um homem trabalhador e esforçado e também um bom pai. Mas é extremamente machista e nada romântico. Acorda sem dar bom dia e vai deitar sem dizer boa noite. Aos sábados, nunca quer ir a festas ou mesmo passear no shopping de Águas Lindas. Daniele queria um marido atencioso, que lhe desse flores e presentes ou, ao menos, bom dia. Contudo, ela acredita que, numa relação, uma das partes tem de ceder. Então, cede, sempre.

Ela passa os fins de semana em casa. Não gosta de sair sem Raimundo. Se não tem que limpar os cômodos ou lavar roupas, gasta as horas assistindo desenho animado. É seu programa favorito. Na companhia de Luzia, coloca os DVDs de *O Rei Leão* e *A Era do Gelo* para rodar incontáveis vezes e não se cansa. Mesmo mãe de uma menina de sete anos, Daniele tem modos de criança. Adora brincar na rua e, no trabalho, ao terminar o serviço, senta-se no chão do quarto da filha mais nova dos patrões – de cinco anos – e põe-se a ler contos de fadas e livros de aventura.

Todos os dias, por volta das 15h, ela calça um salto bem alto, pinta os olhos com sombra azul e sai de um dos enormes arranha-céus de Águas Claras com destino à Goiás. É no trecho entre a casa e o trabalho que Daniele desfila tudo o que compra com o salário do mês inteiro, já que não frequenta festas, praças ou lugares mais apropriados para exhibir as aquisições. Aliás, em Águas Lindas, mesmo que quisesse, não encontraria uma praça, afirma. A cidade goiana, com cerca de 160 mil habitantes, oferece poucas opções de lazer. No tempo livre, os moradores vão ao único shopping da região, inaugurado em 2011.

Lá, não há um só intervalo de 24h em que não se escute o som estridente de tiros, relata a jovem. Ao rair do dia, arrastões nas paradas de ônibus são recorrentes. No fim do ano, é comum assaltantes renderem passageiros na estrada entre Águas Lindas e Ceilândia e

roubarem todos de uma só vez. Mas Daniele não tem medo do lugar, acha exagero o que ouve por aí sobre a cidade. Ao menos com ela, nunca aconteceu nada de ruim.

Talvez, nem de bom. A jovem leva a vida sem grandes perspectivas de mudanças. Contudo, não deixa de sonhar. Quer, um dia, terminar a escola, estudar engenharia e trabalhar em obras. Seu maior desejo é mostrar para Raimundinho que, ao contrário do que ele pensa, ela é, sim, capaz de ser alguém.

Anexo 8

Título: *Vamos descer?*

Gênero: Crônica

Data: 12/5

Cheguei à Brasília, pela primeira vez e em definitivo, numa tarde ensolarada de novembro. Era 2003, eu tinha 12 anos. Vinha chorosa dentro do táxi, contrariada com a mudança de cidade. Passei mais de mês trancada no apartamento alugado por meus pais, na Octogonal, sem ver a rua – por rebeldia e desgosto. Não gostava da capital, era uma certeza. Nem precisava conhecê-la para saber. Como gostar de tanta segura – do clima e das pessoas?

Certo dia, minha mãe foi às compras e, na fila da padaria, conheceu uma migrante veterana, residente da cidade há anos. Compartilharam conselhos e desabafos. A moça, divertindo-se com o desespero da recém-chegada, explicou que Brasília tem mesmo a casca grossa. Não é fácil amar a capital. O cerrado conquista na resistência, feito as árvores retorcidas da vegetação.

Semanas depois, esbarraram-se as duas, novamente. Conversa vai, conversa vem, a candanga assumida pergunta à minha mãe: “sua filha adolescente já começou a ‘descer’?”. Diante da feição da interlocutora de quem não compreendeu o significado da expressão, a mulher explica. Descer é um verbo que, na capital, ganhou sentido singular. Crianças e jovens, moradores de condomínios e blocos padronizados, filhos legítimos do sistema de vidas empilhadas por andares, economizam o palavreado na hora de sair de casa. Em

Brasília, ninguém vai ali embaixo ou lá fora. Nada de frases longas. A gente, simplesmente, desce.

É em pilotis de Lucio Costa que brasilienses do Plano Piloto e de onde mais houver prédios no planalto central são inseridos em cerimônias e círculos sociais. Começa-se descendo para brincar, para fazer amigos, para jogar queimada e conversa fora. Depois, para explorar afinidades: tocar violão, andar de skate, dançar ao som de rádios à pilha. Tem quem desça com livros nas mãos ou só para olhar para o teto. Às vezes, desce-se só para espairer, porque o ar no térreo, em certas épocas, é mais leve que no sexto andar.

Há também a fase de descer para flertar ou namorar. Grupos de rapazes observam, recostados em pilastras, as meninas que passam. Garotas analisam, atentas, vizinhos que cruzam, apressados, pelos pilares. As paredes das superquadras já perderam as contas de quantos beijos se concretizaram ali, apoiados nelas. Já é meio século de gerações formadas no *hall* de entrada de edifícios. É com seis pisos sobre as cabeças que a juventude classe média de Brasília expõe as primeiras inquietações e ideias.

Debaixo dos blocos, correm rumores diversos. Um deles é recorrente: não há nada para fazer na cidade, nunca. Maldiz-se as programações repetidas e o fato de todo mundo se conhecer e frequentar os mesmos lugares. Brasília exige que sejamos criativos. Inventamos diversões e transformamos o ócio em coisa séria: descer à toa tem até hora marcada em longas e arrastadas tardes de adolescência.

Quando os anos passam e os jovens mudam, quem cresce, espia, de longe – em um misto de inveja e saudosismo – crianças amontoadas em pilastras. Como é bom ser brasiliense e viver por aí, tentando amolecer, com histórias, a frieza do concreto e das linhas retas da capital planejada. Em seis meses, eu estava inteiramente entrosada com descidas e pilotis. Quase dez anos depois, devo à Brasília e seus blocos boas doses de felicidade e grande parte dos amigos que tenho. Reclama-se de barriga cheia. Não conheço outra metrópole em que a rua seja extensão do quintal de casa. Você conhece? Mais difícil do que amar a cidade, é não amar.

Anexo 9

Título: *Cidade de automóveis*

Gênero: Reportagem

Data: 14/5

Na quarta casa antes do fim da rua na QNJ 42, em Taguatinga Norte, Cristina abre o portão, retira o corpo para o lado de fora e, contornando as dificuldades para segurar bolsa, cadernos e livros nos braços finos e magros, volta-se para trás, mais uma vez, para fechar o acesso. São 7h de sexta-feira. Ela vira à direita e caminha em direção à Avenida Hélio Prates. Chega à parada de ônibus, bem em frente ao cemitério, em um ou dois minutos.

Estudante do curso de História da Universidade de Brasília (UnB), Cristina Machado, 23 anos, aguarda o próximo veículo, na esperança de que seja uma das linhas que vai direto para a faculdade. Conforme selecionou na tabela do Passe Livre Estudantil, para não pagar a taxa de embarque, ela deve apanhar os ônibus de número 339 ou 371, direto para a universidade; 312 ou 331, para a rodoviária do Plano Piloto; ou ainda, 110 ou 110.2, que fazem o trajeto rodoviária – UnB. Geralmente, as opções de coletivo de Taguatinga para a Asa Norte que a moça tem registrados no sistema, passam entre às 6h50 e 7h10. Depois disso, só às 7h50, indo contra informações de horário disponibilizadas pelo DFTrans (Transporte Urbano do Distrito Federal, órgão responsável pelo Passe Livre), que Cristina conferiu, cuidadosamente, à época de selecionar as linhas que realizam o percurso de sua casa à universidade.

Brasília é conhecida por ser uma cidade feita para carros. O projeto de Lucio Costa previu largas vias e ruas longas, capazes de vencer as grandes distâncias do planalto central, mas só a quatro rodas. Se um turista quiser andar da Torre de TV ao prédio do Congresso Nacional – pontos aparentemente próximos –, por exemplo, gastará cerca de 40 minutos, ainda que a trajetória seja retilínea. Além disso, não há calçadas em todo o trecho. Dessa forma, as condições adversas para pedestres e o transporte urbano desfavorável, acabam por confirmar o estereótipo sobre a cidade.

Pesquisa do Detran/DF (Departamento de Trânsito do Distrito Federal), de março deste ano, indica que a frota de veículos registrados no DF de 2000 a 2012 quase triplicou. Aumentou em 140%, aproximadamente, indo de 585 mil a mais de 1,4 milhões. O número de carros cresceu quatro vezes mais que o número de moradores. A população, que em 2000 era de pouco mais de 2 milhões de pessoas, hoje ultrapassa 2,5 milhões de habitantes, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Dessa frota, mais de 70% do total é apenas de carros, conforme apontam as estatísticas do Detran/DF. Somente 0,6% corresponde aos ônibus.

Dados do DFTrans, de 2008, indicam a existência de 888 linhas de transporte público convencional (excetuando-se micro-ônibus e vans) em Brasília. Cristina utiliza três ou quatro delas, todos os dias. Quando tem a sorte de pegar ônibus direto para a universidade, chega à aula no horário, às 8h. Caso contrário, leva 1h20 para desembarcar na rodoviária e, de lá, mais meia hora para trocar de veículo e alcançar o destino final. Por volta das 9h, entra na classe, já exausta e estressada, após suportar mais de hora em pé, espremida entre um amontoado de outros cidadãos, igualmente perturbados e indignados com a situação dos coletivos públicos.

Ela relata que a irritação de alguns se reflete em atitudes, como torcer o nariz para quem está perto ou pisar no pé do passageiro ao lado, fato corriqueiro. Outros se aproveitam do cenário para investir em tentativas de flerte ou abusar da impossibilidade de movimentação dos demais. É o caso de rapazes que, diante da falta de espaço, esfregam-se em garotas nas proximidades. A estrutura física dos meios de transporte é mais um elemento que não colabora com o bem-estar dos usuários. Veículos velhos e portas quebradas, colocando em risco o passageiro que vai em pé próximo à saída quando o ônibus está lotado, são comuns. Cristina conta que se chove na rua, também chove no ônibus.

Ao entardecer, o retorno para casa consome, em média, mais duas horas do dia da jovem. Naquela sexta, contudo, Cristina chega à rodoviária às 18h03. Tem planos para a noite, passou dias organizando a festa de aniversário de uma amiga e está ansiosa para chegar logo em Taguatinga, local das comemorações. Dirige-se para a fila do ônibus 331, com destino à Avenida Hélio Prates, que já está estacionado, pelo visto, pronto para sair. Às 18h30, o ônibus permanece estático e a fila está maior que de costume. Perto, um 312, linha que

serve, igualmente, à estudante, estaciona e, sem demora, enche. Cristina decide mudar de fila, parece que o 331 não vai se mover tão cedo.

Espera outro 312 chegar. Às 19h, enfim, entra no ônibus. Antes da primeira parada, porém, o veículo quebra, bem no meio do Eixo Monumental, em uma das seis pistas que cruzam a cidade no sentido contrário à Esplanada, de extremo a extremo. Cristina enfia fones no ouvido e procura pensar em qualquer coisa que a faça esquecer que está ali. O motorista tenta forçar o motor pelos minutos subsequentes, até que o veículo se enche de fumaça não só na parte externa, assim como por dentro. Os companheiros de lotação da garota entram em pânico. Ela ri, para conter o choro. Na confusão, o motorista acaba por liberar as portas e todos descem em direção ao Conjunto Nacional, shopping em frente. Enquanto aguardam novo ônibus, começa a chover. Nenhum coletivo para, estão todos sobrecarregados. Às 19h40, o grupo consegue retomar a jornada. São 21h quando a estudante, enfim, pisa, novamente, a QNJ 42. Está com dores na cabeça e no estômago. Desiste da festa e vai dormir. Só quer esquecer a frustração gerada pelo episódio.

Foi para evitar estresses do gênero que Nelson Guilherme Araújo, 24 anos, estudante de jornalismo da Universidade Católica de Brasília (UCB), optou por deixar de ser passageiro de ônibus e tornou-se ciclista. Ele sai de casa, na Quadra Externa (QE) 34 do Guará, às 18h40 e chega à faculdade 40 minutos depois. Faz o trecho Guará – Taguatinga Sul de metrô e, o restante, vai pedalando. Se o percurso fosse feito de carro, em horário de pico, duraria de 50 minutos a uma hora. De ônibus, seria de uma hora e meia a duas horas investidas no processo. Andar de bicicleta em Brasília também não é fácil. Faltam ciclovias e o clima só colabora durante metade do ano. Ainda assim, Nelson prefere a calma de poder fazer o caminho por ruas alternativas, por dentro da cidade, aproveitando a paisagem. Ele vai tranquilamente, pois acredita que o principal causador de acidentes com ciclistas no trânsito é a pressa.

O rapaz explica que, às vezes, o momento mais difícil é colocar a bicicleta no metrô, que, às 18h, está sempre cheio. Nos trens, a população também enfrenta obstáculos. O DF possui um sistema metropolitano precário, que alcança somente seis das mais de 30 regiões administrativas. São 29 estações (cinco não estão em funcionamento), que cortam Asa Sul, Guará, Águas Claras, Taguatinga, Ceilândia e Samambaia. Informações da Companhia do

Metropolitano do Distrito Federal (Metrô-DF) indicam que os 32 trens transportam, em média, mais de 130 mil pessoas diariamente. Nelson vai entre eles, segurando firme a bicicleta, jeito que encontrou de retirar de Brasília o estigma de cidade somente para carros. Cristina e grande parte dos brasilienses seguem em carros e ônibus, a espera de solução melhor.

Anexo 10

Título: *Do poder à doçura*

Gênero: Perfil

Data: 17/5

Em um papel retangular pequeno, timbrado com seu nome, José Sarney, então presidente do Senado Federal, escreve: “Pelos 80 anos de vida correta, conduta impecável, inteligência rara e brilhante que carregou e carrega em suas costas e competência este nosso Senado”. O texto, redigido em outubro de 2007, é trecho de um cartão de aniversário, feito à mão e assinado pelo senador, com carinho e gratidão pela amizade.

A destinatária é a funcionária mais antiga em atividade na Casa, Sarah Abrahão, de 86 anos, 53 de serviço. Figura fundamental para o bom assessoramento de presidentes do Senado, em meio século, dona Sarah, como é conhecida pelos colegas, conquistou respeito e admiração não só de Sarney, mas de todo o Congresso Nacional.

Foi com muito esforço, poucas horas de sono e pilhas de livros dentro da bolsa que Sarah chegou ao cerrado, em junho de 1960 – no terceiro mês de existência da capital – e conquistou a cidade. Aqui construiu uma carreira profissional de sucesso, criou dois filhos, fez inúmeros amigos, ajudou familiares e conhecidos e foi – e ainda é – feliz. O sentimento é recíproco, a cidade também a conquistou. “Sabe os judeus que saíram em busca da terra prometida? Brasília foi minha terra prometida”, explica, sorrindo.

A senhora de pele clara, cabelos e sobrancelhas castanhos com menos fios brancos do que a idade geralmente deixa transparecer, olhos acinzentados e rugas que só quem está neste

mundo há quase uma centena de anos poderia ter, não hesita em mostrar os dentes no primeiro contato. Sem muito custo, as feições de Sarah se abrem em sorrisos dóceis. Doçura, aliás, é, para ela, mais importante que o poder. Já o poder, não lhe sobe à cabeça. Depois de tanto tempo influenciando de maneira direta as decisões de personagens relevantes na administração pública nacional, ela conta que não gosta de política. Ou melhor, prefere não se meter.

De postura simples e alegria constante, dona Sarah transborda simpatia pelos corredores do Senado desde a transferência da instituição para a nova capital. Entrou como funcionária efetiva na área de contabilidade. Naquela época, nem sabia o que era a Secretaria-Geral da Mesa (SGM) do Senado Federal, área de assessoria legislativa, alicerce da instituição. Mas, sem demora, sua dedicação e empenho foram reconhecidos. Ela, rapidamente, foi convidada a trabalhar na SGM.

Esperta e paciente, Sarah tornou-se conhecedora exímia dos regimentos internos do Congresso Nacional. Foi a primeira mulher a atuar como secretária-geral da Mesa e a única a fazê-lo duas vezes: de 1972 a 1973 e de 1975 a 1980. Ao longo de cinco décadas no Senado, assessorou dezessete presidentes. Também exerceu os cargos de oficial legislativo, secretária da Comissão de Redação, assistente do secretário-geral da presidência e assistente da Secretaria-Geral da Mesa.

Os serviços de Sarah eram tão requisitados que se aposentar não foi tarefa simples para ela. Quando afastou-se do cargo de secretária pela segunda vez, Sarah resolveu que era hora de parar de trabalhar, queria se dedicar inteiramente aos filhos. O descanso, contudo, durou só cinco meses. O então senador Jarbas Passarinho, presidente da Casa de 1981 a 1983, insistiu que ela voltasse. Muito ativa e cheia de energia, ela concordou. Retornou como assessora do senador.

Na década seguinte, em 1993, decidiu, novamente, retirar-se do trabalho. Outra vez, por pouco tempo. Dois anos depois, o senador José Sarney, presidente da Casa à época, convidou-a para regressar como assessora da Secretaria-Geral da Mesa. Desde então, ela permanece no ofício, sem data de saída.

Sarah é goiana do município interiorano de Catalão. Moça de origem pobre, filha de um mascate que criou sete crianças a base de muito esforço, desde cedo ela precisou trabalhar.

Aos 12 anos, vendia verduras pelas ruas da cidade. Pouco mais velha, dava aulas particulares à filhos de gente de renome. Sempre aplicada e estudiosa, depois de terminar o primário e o ginásio, aos 17 anos, mudou-se para a casa da irmã mais velha, no Rio de Janeiro, a fim de cursar o colegial.

Estudante da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), quando jovem, a rotina de Sarah era sofrida. Saía de casa às 6h e até à meia-noite revezava-se entre aulas, trabalhos e estudos. Pela manhã, fazia um curso de nutrição; à tarde, trabalhava como datilógrafa no Ministério da Fazenda; à noite, ia para a faculdade; e no bonde, em qualquer horário, lia resumos e anotações feitos em sala de aula. Mal tinha tempo ou dinheiro para comer. Mas não considerava difíceis os esforços realizados. Para ela, era assim que tudo deveria ser.

Após terminar o curso de Direito, voltou para Catalão para cuidar do pai doente. Casou-se com um advogado de sucesso que conheceu anos antes, ainda no Rio, quando uma colega de faculdade praticamente a obrigou a deixar os estudos de lado por algumas horas e acompanhá-la a um jantar com amigos. Do matrimônio, nasceram Cláudia, na primavera de 1959, e Cláudio, em maio de 1964, já no Planalto Central.

Ao chegar em Brasília, o casal e a filha – com oito meses de idade –, instalaram-se em um apartamento funcional na quadra 107 da Asa Sul. Em meio à terra vermelha, o bloco onde moravam era um dos poucos existentes nos primeiros anos da capital. Os cerca de trezentos funcionários do Senado ocupavam edifícios próximos e, aos sábados, a instituição enviava um ônibus para buscar os servidores na Igrejinha. Era dia de ir às compras na Cidade Livre. O grupo voltava com frutas, verduras e até galinhas vivas debaixo do braço. Ainda não existia mercado no Plano Piloto.

Atualmente, dona Sarah reside em uma casa no Lago Sul, com a neta e uma irmã. Mantém o hábito de levantar às 6h. Passa a manhã cuidando da casa e das plantas, gosta de fazer almoço e de colocar tudo nos trinques. Por volta da uma da tarde, aguarda a chegada da neta. Não abre mão de, ao meio-dia, sentar à mesa com a família.

Mais ou menos às 14h, já no Senado, cruza reto pela parede com retratos dos secretários-gerais – onde há uma fotografia dela –, vira à direita e acomoda-se em uma das mesas da extensa sala da Secretaria-Geral da Mesa. Às suas costas, uma estante preenchida por livros,

apostilas e pastas armazenam informações diversas sobre a história política brasileira desde a criação da nova capital. A História – em maiúsculo, a mesma que crianças se esforçam em decorar e remontar na escola – e a vida de dona Sarah, inevitavelmente, transpassam-se.

Em casa, ela guarda, orgulhosa, pastas com documentos, recortes de jornais, fotos, cartas e cartões postais que reconstroem toda a sua trajetória no Congresso Nacional. Admite que é uma atitude vaidosa, mas “como não ficar vaidosa?”, pergunta, apontando textos e álbuns repletos de elogios e dedicatórias. Nos armários do escritório, além de homenagens, há livros. Dona Sarah gosta bastante de ler e é isso que ela faz, em muitas noites, ao voltar para casa, às 18h. Seu gênero preferido são os quadrinhos.

A senhora garante que não está sozinha no gosto por Tio Patinhas. Relata que, ainda nos anos de faculdade, certa vez, no trabalho, ordenaram que procurasse um desembargador para pedir a ele que despachasse um processo há muito pendente. Em troca, ela receberia recompensa em dinheiro. Para a jovem estudante, constantemente mal de grana, a proposta era uma oportunidade. Foi pessoalmente atrás do homem. A secretária informou que ele não recebia visitas. Sarah insistiu. Carregando nas mãos algumas revistas em quadrinhos recém compradas, dirigiu-se à sala do desembargador. Na porta, oscilou. Ele a viu e mandou que entrasse. Conversaram, ela explicou que precisava do dinheiro e ele se dispôs a ajudar. Quando a garota ia dando meia volta, o senhor a chamou. Queria emprestadas as revistas em quadrinho. Ele também era grande fã do estilo.

Dando continuidade a sua rotina, às 23h30, quase meia-noite, dona Sarah vai se deitar. Precisa dormir. No dia seguinte, tem mais trabalho, casa para cuidar, família e amigos. E ela não pode faltar. Nada funciona bem sem ela, ou, pelo menos, tudo funciona pior. Ao menos é o que parece, senão, ela não teria tantos admiradores e amigos. Em um mundo em que a maioria das pessoas estão sujeitas a serem substituídas sem remorsos, é preciso ser realmente bom para tornar-se essencial. Dona Sarah conseguiu. Não só pela competência profissional ou pelo conhecimento das leis. No que ela se destaca mesmo é, simplesmente, em viver. Vive bem e feliz. E, a essas alturas, isso é tudo o que importa.

Anexo 11

Título: *Um shopping popular*

Gênero: Reportagem

Data: 21/5

Ao lado da rodoviária do Plano Piloto, um enorme bloco de concreto, revestido externamente por diversos anúncios publicitários, recebe brasilienses de todo gênero e classe social. O edifício é o Conjunto Nacional, primeiro shopping center de Brasília – e segundo do país – e patrimônio da cidade tombado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Cerca de 80 mil pessoas pisam as lajotas acinzentadas do centro comercial, diariamente. Fiel aos blocos e pilotis do projeto urbanístico de Lucio Costa, ele é aberto para a rua, sem cercas ou grades, o que o diferencia estruturalmente de outros shoppings. Os clientes são, em grande parte, gente que, de segunda a sábado, precisa pegar ônibus no terminal para se locomover. No tempo livre, aproveitam para dar uma passada rápida por ali.

São 320 lojas dispersas em três pavimentos e divididas entre duas alas – a Sul e a Norte. O prédio já faz parte da rotina da capital há 41 anos. De acordo com a assessora de marketing do estabelecimento, Karina Borges, o plano inicial era transformar o espaço em uma galeria apenas, pois o setor de shoppings centers ainda era embrionário no Brasil. Contudo, tendo em vista a extensa área disponível, a equipe decidiu investir em ideias pioneiras e inaugurou, em três etapas (nos anos de 1971, 1974 e 1977, respectivamente), uma grande zona de comércio, próxima à Esplanada dos Ministérios. Para Karina, a localização e o fato de não ser fechado fazem do Conjunto um shopping democrático. “Não intimida as pessoas”, explica.

Riad Nehme, um libanês de 76 anos, estatura mediana, cabelos brancos e andar calmo, é dono de restaurantes e lanchonetes no local há quatro décadas. Ele relata que, no dia de abertura do shopping, o sucesso de vendas entre a população foi tamanho que, por volta das 11h, inúmeras lojas já haviam esgotado o estoque. Riad também possui estabelecimentos em outros pontos da cidade – ao longo de meio século, já contabilizou cerca de 120

empreendimentos comerciais em Brasília –, mas, durante grande parte do dia, pode ser visto na praça de alimentação do Conjunto Nacional, caminhando por entre mesas e cadeiras, a observar o movimento de pessoas e a controlar o desempenho de funcionários.

Ele trabalha 14 horas diariamente. Às 6h, já está em pé, pronto para levar as mercadorias da sede no Conjunto, onde são feitos os pratos e quitutes, às demais lojas espalhadas pela cidade. Duas horas mais tarde, toma café da manhã e realiza caminhada diária durante 40 minutos. Em seguida, volta ao shopping e lá permanece até às 20h. Confessa que, apesar de estar em Brasília desde a época da inauguração, já não conhece mais a capital, pois o trabalho lhe consome todo o tempo. Morou no Núcleo Bandeirante e em Taguatinga e, hoje, vive na Asa Sul. Criou filhos e netos no planalto central e garante que não tem vontade alguma de ir embora. Nem de Brasília, nem do shopping. “Daqui vou direto para o Campo da Esperança”, comenta, rindo.

O supervisor de segurança, L.S., relata que as lojas começam a funcionar às 7h, mais cedo do que em outros estabelecimentos do gênero, que costumam abrir entre 9h e 10h. O horário de fechamento gira em torno das 22h30. Como não há barreiras de proteção ao longo do edifício, os guardas precisam manter-se em constante alerta. Circulam por todos os andares em vigia à possíveis ameaças. Na praça de alimentação, não raro, param para avisar clientes que conservem as bolsas ou pertences junto ao corpo, para evitar furtos. Mas, segundo o supervisor, considerando-se a grande circulação de pessoas, em especial em dias úteis, a equipe de segurança consegue manter o número de crimes registrados em lojas e na área de alimentação sob controle.

O funcionário de uma antiga loja de instrumentos e aparelhos de som localizada na Ala Sul do shopping, Rogério Martins Teixeira, de 35 anos, conta que, apesar da inexistência de grades, o ambiente é tranquilo. Em dezesseis anos de trabalho no local, ele presenciou somente episódios em que a equipe de vendedores suspeitou de tentativas de furto de mercadorias. O que viu de mais marcante ao longo desse tempo foi um botijão de gás estourar, gerando pânico em uma multidão de clientes. Na ocasião, Rogério, assustado, tratou logo de correr para o depósito da loja. Por sorte, não era nada grave e ninguém se feriu.

O atendente mora em Brazlândia com a esposa e as duas filhas. Levanta às 6h30 e vai à padaria comprar pão para as crianças tomarem café. Depois, aproveita para dormir mais um pouquinho. O ônibus para o serviço só sai às 8h30. Em uma hora, ele chega ao Conjunto e, na companhia dos colegas, organiza os produtos para, às 10h, abrir a loja. Ao meio-dia, almoça ali mesmo. Às vezes, leva comida pronta de casa, outras, vai a restaurantes. Permanece no estabelecimento até às 18h, quando vai embora para assistir programas infantis na televisão com as filhas ou noticiário na companhia da mulher.

Ele gosta de trabalhar com música e seu gênero preferido é o sertanejo, em especial, o de raiz. Mas admite que o mercado de shoppings centers é esgotante para os funcionários. A carga horária é elevada e nem todos os clientes são gentis e compreensivos, conforme observa. No começo de 2013, saiu do Conjunto e foi trabalhar em um escritório. Mas não tardou a voltar. Prefere o emprego de vendedor de CDs. Além disso, aprecia as facilidades proporcionadas pelo lugar. “O shopping é de fácil acesso para o pessoal do Entorno, tem transporte público do lado”, explica.

O sociólogo Rodolfo Teixeira, professor da Universidade de Brasília (UnB), esclarece que a falta de grades não está, necessariamente, relacionada de maneira direta com os conceitos de igualdade e democracia. Para o estudioso, o Conic, ou Setor de Diversões Sul – centro de comércio e entretenimento que fica na mesma altura do Conjunto, porém no sentido sul da cidade –, é bem mais popular e, aparentemente, democrático. “Ele é aberto, também não possui grades, tem apenas estacionamento público e permite a vista do céu”, expõe Rodolfo, em alusão ao fato de o Conjunto Nacional possuir também estacionamento privativo. “Além disso, (o Conic) fica aberto até bem mais tarde, inclusive com uma vida boêmia bastante agitada – para ser suave – do ponto de vista antropológico”, completa.

Uma coisa, porém, é certa: o shopping consolidou-se como símbolo de Brasília. Exemplo disso, é a canção *Anúncio de Refrigerante*, da banda brasiliense Aborto Elétrico – ativa entre o fim da década de 1970 e o começo da década de 1980. A letra da música faz menção ao shopping como símbolo do local ao relatar hábitos da juventude candanga, como o de despender horas de ócio no Conjunto Nacional. Em 2005, a música foi gravada pelo grupo Capital Inicial, também originário da cidade. Até hoje, jovens e adultos ainda passam as tardes por lá, tendo ou não tendo o que fazer.

Anexo 12

Título: *Tempo de chuva*

Gênero: Crônica

Data: 2/6

Domingo passado, maio surpreendeu a cidade ao derramar um ou outro pingo de chuva aqui e acolá. Só em pontos isolados. Na segunda-feira, ela veio de novo, mais intensa, despejando toda a vontade de cair com força contra a seca de Brasília. Os índices pluviométricos do cerrado saíram da estaca zero ao longo de toda a semana. Hoje já é junho, e ainda chove. Ninguém está entendendo nada. E a história de duas estações bem definidas? A chuva do caju planaltina, que desce apressada, para enganar por breves horas a estiagem, não deveria despencar só em agosto? O que fazer com os piqueniques, casamentos e aniversários ao ar livre? Brasiliense algum espera pé d'água no meio de uma festa junina.

Há quem culpe o aquecimento global, as bruscas mudanças climáticas mundo afora em decorrência de ações humanas, o calor que vai desencadear nova era do gelo ou coisa que o valha. Não importa. O negócio é que chove no deserto candango. Em pleno junho. Os peregrinos adeptos de tempestades acham até que é miragem. Quem espera seis meses por sol e céu azul, sente o oásis da seca escorrer por entre os dedos feito a areia fina do Saara. A verdade – se é que isso existe – é que a gente pode tentar criar regras e catagolar a vida inteira em gavetas de padrões, normas e rótulos. Aí vem a chuva, ventando forte, e muda qualquer certeza de direção.

O inesperado carrega o melhor e o pior de existir. Brasília espanta em blocos, eixos e lago. É de espantar, por exemplo, encontrar a rodoviária do Plano Piloto, desfilando pobreza, fome e desesperança frente a uma passarela de carros caros e roupas de marca na Esplanada dos Ministérios. Isso é o inesperado ruim. O bom, é deparar-se com a fonte das águas dançantes ligada numa terça-feira à noite ou com o parque da cidade cheio de gente para ouvir, sem pagar nada, boa música de artista local que estourou nas rádios de fora. Sorriso no elevador também surpreende. Assim como um ipê florescendo e o céu exibindo-se em laranja, rosa e

cores no meio do congestionamento, para avisar o pessoal do trânsito que há encanto até onde parece impossível.

Não sei, as surpresas boas são simples. Exigem, somente, olhar atento.

A chuva talvez venha para avisar que as retas do Distrito Federal vão seguir por novas curvas. Ou, quem sabe, ela desaba para lembrar que nem tudo tem explicação. E a graça de ser é mesmo essa. Nos últimos dias, a capital se tornou menos concreto, mais humana. O povo parou de afirmar com convicção que daqui para setembro não chove e que as nuvens carregadas são pura enganação. Agora vivemos diante do incerto. Brasília parece mais real, menos planejada.